

Homens que Cuidam:

Um Estudo Qualitativo Multipaís sobre
Homens em Papéis Não Tradicionais de Cuidado



Fotografia por David Isaksson

men +
gender equality
POLICY PROJECT

Coordenado por Instituto Promundo e o
International Center for Research on Women

Sobre o Men and Gender Equality Policy Project

O *Men and Gender Policy Project (MGEPP)*, desenvolvido pelo Instituto Promundo e o *International Center for Research on Women (ICRW)*, é um projeto multipaís levado a cabo entre 2008 e 2012, que teve como objetivo construir a base de evidências sobre como envolver os homens na saúde, desenvolvimento social e igualdade de gênero. As atividades do projeto incluem: (1) uma análise multipaís sobre a medida em que as políticas públicas tentam incluir os homens numa perspectiva de gênero, apresentada na publicação *What Men Have to Do With it: Public Policies to Promote Gender Equality*; (2) os resultados iniciais da pesquisa IMAGES (*International Men and Gender Equality Survey*), uma pesquisa quantitativa domiciliar realizada com homens e mulheres em sete países entre 2009-2011, estão apresentados na publicação *Evolving Men: Resultados iniciais do International Men and Gender Equality Survey (IMAGES)*; (3) o estudo Homens que Cuidam, um estudo qualitativo com entrevistas em profundidade sobre as histórias de vida de homens envolvidos em papéis não tradicionais de cuidado em cinco países, apresentados na publicação com o mesmo nome; e (4) esforços de *advocacy* e divulgação dos resultados das atividades do projeto em vários formatos. Os países que participam do projeto em 2012 são os seguintes: Brasil, Chile, Croácia, Índia, México, Ruanda, Bósnia e Herzegovina e África do Sul. Os múltiplos componentes de pesquisa do projeto procuram oferecer aos gestores políticos e ONGs parcerias estratégicas baseadas em evidências para o engajamento dos homens na igualdade de gênero nas áreas da saúde sexual e reprodutiva, violência de gênero, paternidade e saúde maternoinfantil e da saúde do homem.

Sobre MenCare, uma Campanha Global de Paternidade

Conclusões do estudo Men Who Care foram fundamentais para a criação da MenCare, uma campanha global recentemente lançada que tem como objetivo apoiar o envolvimento dos homens na paternidade enquanto pais não violentos e pais cuidadores. Muitos dos homens entrevistados chamaram a atenção e defenderam não só o aumento dos papéis dos homens enquanto cuidadores, mas também a igualdade de gênero apoiando o papel das mulheres fora de casa, partilhando o trabalho doméstico e defendendo os direitos das mulheres. Muitas vezes eles próprios demonstravam estar orgulhosos das suas opções de vida face à paternidade e acreditavam se sentirem mais realizados por terem feito essas escolhas. A campanha MenCare é coordenada pelo Instituto Promundo e pela Sonker Gender Justice em colaboração com a MenEngage Alliance. Disponibiliza materiais de apoio, mensagens e desenvolve recomendações políticas e pesquisas de forma a encorajar parceiros locais da MenEngage, ONGs e organizações que lutam pelos direitos das mulheres, governos e parceiros das ONU a implementar as atividades da campanha nos seus cenários. A campanha é concebida enquanto um complemento aos esforços globais e locais para envolver os homens e os rapazes no combate à violência contra mulheres e meninas. Juntamente com esforços como os da Campanha do Laço Branco (www.lacobranco.org.br), a Aliança MenEngage pretende cumprir os seus objetivos de promover relações igualitárias não violentas e visões sobre a masculinidade focadas no cuidado. Para mais informações sobre MenCare, por favor acesse o link www.men-care.org.

AGRADECIMENTOS

Esta publicação, a coleta de dados e a análise dos dados foram generosamente financiados pela Fundação John D. and Catherine T. MacArthur, Governo da Noruega (Ministério dos Negócios Estrangeiros e Norad), Fundação Ford e um doador anônimo. Partes da análise e do trabalho no nível nacional foram apoiados pela Fundação Bernard Van Leer, ONU Mulheres (Chile) e Universidade do Chile. Esta publicação foi produzida como parte do *Men and Gender Equality Policy Project*, coordenado pelo Promundo e pelo *International Center for Research on Women* (ICRW). Todas as conclusões e pareceres são dos autores e não refletem a posição oficial dos doadores.

Gary Barker foi Investigador Principal do estudo *Homens que Cuidam*, em colaboração com Margaret Greene e Marcos Nascimento.

Os estudos qualitativos por país foram coordenados e são da autoria de:

- Brasil: Márcio Segundo, Marcos Nascimento, Christine Ricardo, Alice Taylor e Gary Barker, Promundo
- Chile: Francisco Aguayo e Michelle Sadler, *CulturaSalud/EME*
- Índia: Abhijit Das e Satish Singh, Centre for Health and Social Justice
- México: Juan Guillermo Figueroa, Josefina Franzoni e Natalia Flores, *El Colegio de México*, México, D.F.
- África do Sul: Rachel Jewkes, *Medical Research Center of South Africa*, e Robert Morell, *University of Cape Town*

Estendemos nossos especiais agradecimentos pelas contribuições para o estudo *Homens que Cuidam* a Jorgen Lorentzen, Center for Gender Research, Universidade de Oslo, Noruega; Dean Peacock, Sonke Gender Justice Network, África do Sul; Benedito Medrado, Instituto Papai, Brasil; e a Dra. Elizabeth Sussekind, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil. Agradecemos também a Juan Manuel Contreras, RaviVerma e Ajay Singh, ICRW. No Promundo-Brasil, gostaríamos de agradecer a Tatiana Moura, Vanessa Fonseca, Mohara Valle, Letícia Serafim e Rose Orth. No Promundo-EUA, gostaríamos de agradecer a Michele Frome, Beth Kenyon e Peter Pawlak. Agradecemos a Viktoria Saxby Roxie da Hope Exhibits bem como aos fotógrafos autores das imagens de “Influential Men”, uma exposição global de fotografias, que estão incluídas no presente relatório. Por fim, estendemos nossa gratidão a todos os entrevistadores e a todos os “homens que cuidam”, que aceitaram ser entrevistados para o estudo.

© 2012 Promundo e International Center for Research on Women (ICRW). Partes deste relatório podem ser reproduzidas sem permissão expressa, mas com o conhecimento do ICRW e do Promundo.

Citação sugerida: Barker, G., Greene, M., Nascimento, M., Segundo, M., Ricardo, C., Taylor, A., Aguayo, F., Sadler, M., Das, A., Singh, S., Figueroa, J. G., Franzoni, J., Flores, N., Jewkes, R., Morrell, R. e Kato, J. *Men Who Care: A Multi-Country Qualitative Study of Men in Non-Traditional Caregiving Roles*. Washington, D.C.: International Center for Research on Women (ICRW) e Rio de Janeiro: Instituto Promundo. Março 2012.



Fotografia por Richard Lewisohn

SUMÁRIO EXECUTIVO

PARTE 1: Introdução

- 8 A. Descrição geral deste estudo
- 9 B. Metodologia do estudo
- 10 C. O Contexto Global da Participação dos Homens em Trabalhos de Cuidado: Uma Breve Análise

PARTE 2: Resumos de país

- 15 A. Brasil: Márcio Segundo, Marcos Nascimento, Christine Ricardo, Alice Taylor e Gary Barker, Promundo
- 25 B. Chile: Francisco Aguayo e Michelle Sadler, *CulturaSalud/EME*
- 33 C. Índia: Abhijit Das e Satish Singh, *Centre for Health and Social Justice*
- 43 D. México: Juan Guillermo Figueroa, Josefina Franzoni and Natalia Flores, *El Colegio de México*, México, D.F.
- 53 E. África do Sul: Rachel Jewkes, *Medical Research Centre of South Africa* e Robert Morrell, *University of Cape Town*

PARTE 3: As reflexões dos estudos de país

- 64 A. Conclusões
- 69 B. Comentários Finais
- 70 C. Recomendações para ação
- 72 Anexo 1: Protocolo de Pesquisa Homens Que Cuidam

SUMÁRIO EXECUTIVO

O que dificulta o envolvimento dos homens nas tarefas de cuidado? O que os encoraja? Quem são os homens que estão fazendo mais do que a média e tomam o trabalho de cuidar como uma parte importante da sua vida? Como os homens compreendem e descrevem a sua participação em atividades que têm sido tradicionalmente descritas como papéis femininos, tanto no lar como no ambiente de trabalho?

“Homens que Cuidam” é um estudo qualitativo feito em cinco países (Brasil, Chile, Índia, México e África do Sul) que buscou explorar estas questões através do depoimento de homens que estão envolvidos em formas não tradicionais do trabalho de cuidado - nos campos familiar e profissional. O estudo procurou compreender através dos discursos dos próprios homens como eles vieram a participar em maior medida nas tarefas de cuidado do que os seus pares masculinos (tanto em casa como em profissões de prestação de cuidado) e como os homens descrevem o seu trabalho. Um total de 83 homens foi entrevistado.

Principais resultados do estudo:

Na maioria dos casos, o trabalho de cuidar nos níveis familiar e profissional parecia ser imposto aos homens pelas circunstâncias da vida e não como uma questão de escolha individual.

No caso do cuidado prestado no nível familiar, estas circunstâncias incluíam separação e divórcio; morte dos parceiros que cuidavam; ou condições crônicas de saúde ou deficiência dos parceiros cuidadores ou de outro membro da família que obrigou os homens a assumirem a tarefa de cuidar. Do mesmo modo, a maioria dos homens nas profissões de cuidado descreveu os seus caminhos para este trabalho como sendo baseados no acaso ou em outros fatores, mais do que como uma escolha por esse tipo de profissão.

Experiências na primeira infância resultaram em direções múltiplas e, por vezes, contrárias, em termos da forma como influenciaram as práticas de cuidado dos homens.

Confirmando os resultados do IMAGES (Barker et al., 2011) que mostraram que os homens que viram seus pais realizando tarefas de cuidado na infância são mais propensos a fazê-lo, alguns dos *“homens que cuidam”* relataram que as primeiras experiências de ver seus pais ou outros homens realizarem o trabalho de cuidado foi uma inspiração para a sua decisão de assumir ou aceitar esta condição. No entanto, um número quase igual de homens entrevistados relatou que seus pais não assumiam tarefas de cuidado.

A qualidade e a natureza das relações dos homens com os parceiros (especialmente as mães dos seus filhos) foi significativamente afetada na medida em que passaram a participar das tarefas de cuidado no lar.

Para a maioria dos cuidadores primários, a compreensão e o apoio de um parceiro (e seus filhos) contribuiu para torná-los confiantes em assumir as funções não-tradicionais de cuidado, confirmando dados de

outras pesquisas sobre o tema. No entanto, alguns homens relataram que as esposas/parceiras se ressentiam do seu envolvimento nas tarefas de cuidado, que viam como desafiador aos seus papéis como as “donas” do espaço doméstico.

Muitos homens que desempenhavam o trabalho de cuidado procuraram dar-lhe um significado tradicional masculino ou adaptá-lo à sua auto-imagem de homens tradicionais ou hegemônicos.

Alguns dos homens em profissões de cuidado enfatizaram aspectos masculinos tradicionais das respectivas profissões e menosprezaram o que era visto como mais feminino. Dançarinos na Índia afirmaram não se transvestir nos espetáculos, afirmando o aspecto masculino da dança e negando os femininos, ou seja, usar certos tipos de trajes ou maquiagens. No Brasil, um enfermeiro afirmou que ser homem era uma vantagem para ele no seu contexto de trabalho porque ele tinha maior força física do que as enfermeiras e era capaz de levantar os pacientes quando necessário, sendo valorizado por isso.

O grau de satisfação masculina com o trabalho de cuidado (profissionalmente ou em casa) apresentou variações; alguns homens descreveram grande satisfação em desempenhar este tipo de atividade, enquanto outros disseram sentir-se incompletos, deprimidos ou subestimados.

Alguns homens reconheceram o valor e a importância para suas famílias em participar das tarefas domésticas. Ao mesmo tempo, muitos desses homens descreveram solidão ou depressão ao desempenhar esses papéis, cientes de que o mundo que os rodeia valoriza homens provedores, como foi visto no México. Os homens que trabalhavam fora do lar e eram cuidadores primários pareciam sofrer menos deste desafio de identidade, depressão ou baixa auto-estima. Em outros contextos, muitos homens cuidadores surpreendentemente aceitam as suas funções não-tradicionais e descrevem um mínimo de ressentimento pelas suas novas responsabilidades.

Era perceptível pela forma como os homens enquadravam e discutiam masculinidades que as estavam continuamente a reconstruir e negociar. Precisamente devido à falta de referências e incentivos para homens se envolverem na prestação de trabalhos de cuidado, o estudo *Homens Que Cuidam* teve que procurar as experiências de homens em serem cuidados e em cuidar dos outros. Como um estudo qualitativo, estes resultados não podem ser generalizados para a população em geral. No entanto, juntamente com os resultados do IMAGES, eles contribuem para a compreensão de caminhos para a conquista da equidade de gênero – em particular para compreender como acelerar o processo de incentivo para que os homens assumam uma maior parte do trabalho de cuidado, em benefício da igualdade de gênero, das crianças e dos próprios homens.



¹ Ao longo deste documento usamos “trabalho de cuidado” e “tarefas de cuidado” para nos referirmos ao cuidado de crianças ou idosos, deficientes ou doentes familiares em casa. Utilizamos “trabalho remunerado de cuidar” ou “cuidado pago” para nos referirmos aos cuidados prestados no contexto de trabalho, como remuneração ou como profissão. Utilizamos “trabalho doméstico” para nos referir mais especificamente a serviços de limpeza, preparo de alimentos e funções similares que são relacionados ao cuidar.

A. Descrição geral do estudo

A divisão do mundo entre atividades de cuidado e/ou domésticas e as produtivas (atividades de produção com rendimentos) têm sido e continuam a ser um fator determinante da desigualdade entre os sexos. Esta desigualdade reflete-se no fato de que o rendimento das mulheres é, em média, 22% menor que o dos homens e que o trabalho de cuidado¹, quando é pago, tem remuneração geralmente inferior às profissões tradicionalmente ocupadas por homens (Banco Mundial, 2007). No entanto, a participação das mulheres no mercado de trabalho tem aumentado, bem como os seus rendimentos. O recente Relatório de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial 2012 (Banco Mundial, 2011) afirma que as mulheres são agora 40% da força de trabalho global e que o seu rendimento em relação aos homens aumentou em grande parte do mundo.

Os homens, porém, não desempenham 40% do trabalho doméstico e de cuidado. Pesquisas realizadas em diversos locais no Hemisfério Norte e Sul mostram que as mulheres realizam entre duas a dez vezes mais tarefas relacionadas ao cuidado do que os homens (Budlender, 2008). Mas em muitas outras partes do mundo, mudanças estão acontecendo em um ritmo acelerado. O *International Men and Gender Equality Survey* (IMAGES) constatou que os homens mais jovens, aqueles com níveis mais elevados de ensino (secundário e superior) e aqueles homens que tinham visto os seus próprios pais realizarem o trabalho de cuidado são mais propensos a realizar este tipo de tarefas (Barker, Contreras, Heilman, Singh, Verma & Nascimento, 2011). Da mesma forma, um estudo realizado na Espanha concluiu que os homens mais jovens, aqueles com maiores níveis educacionais e aqueles cuja parceira trabalha, eram também mais propensos a realizar uma maior parte do trabalho de cuidado (Romero & Abril, 2011).

Não devemos, evidentemente, pressupor que um maior envolvimento dos homens nas tarefas que envolvem cuidado seja o único caminho para uma maior equidade entre homens e mulheres; nem é suficiente em si mesmo para que a equidade de gênero seja alcançada. Tampouco se pode afirmar que o significado de cuidado seja o mesmo entre diferentes culturas, classes sociais e contextos. A divisão destas tarefas recria e reafirma as normas sociais e as estruturas de poder em que o cuidar, atividades domésticas e educação das crianças são consideradas subordinadas ao sustento da família e às atividades de produção; esta divisão também cria significados sociais sobre aquilo que comumente são considerados papéis “masculinos” e “femininos” (ver por exemplo, Chodorow, 1978; Hartsock, 1983; Gilligan, 1993; Blázquez, 2010). De fato, é evidente que tarefas de cuidado são frequentemente subestimadas pelas sociedades e pelas políticas públicas e que a participação desigual de mulheres é um obstáculo à igualdade entre homens e mulheres.

Nosso estudo coloca inúmeras questões: O que impede a participação dos homens no trabalho de cuidar? O que a encoraja? Quem são os

homens que estão fazendo mais do que a média e tomam o trabalho de cuidado como uma parte importante de sua vida? Como dizem os homens compreender e descrever a sua participação em atividades que têm sido tradicionalmente descritas como atividades femininas? “Homens que Cuidam” é um estudo qualitativo realizado em cinco países que procurou explorar estas questões escutando homens envolvidos em papéis não tradicionais de cuidado nos campos familiar e profissional.

B. Metodologia

Os pesquisadores dos cinco países, através de organizações parceiras, contatos comunitários e pessoais, identificaram homens que estavam realizando trabalhos atípicos relacionados ao cuidado ou que eram muito mais envolvidos do que outros homens do seu entorno. Esses homens realizam:

- Profissões remuneradas de prestação de cuidados onde predominam as mulheres, como enfermagem, cuidados paliativos, parteiros, creches ou pré-escolas e ensino fundamental;
- Ativismo de justiça de gênero, formação e atividades de extensão, incluindo prevenção do HIV/AIDS, prevenção de violência de gênero e direitos LGBT;
- Outras profissões onde os homens são minoria, mas que podem não ser necessariamente profissões de cuidado, incluindo academias femininas de ginástica, dança, ou em profissões de beleza e estética feminina; e
- Papeis de principais cuidadores dos filhos ou outras pessoas em casa. Alguns homens que trabalharam em profissões de prestação de cuidados também desempenham papéis de cuidar superior à média em seus lares e famílias.

O estudo fez questão de incluir dois ou mais homens que trabalham como cuidadores primários em casa em cada localização.

TABELA 1: Os participantes no estudo Homens que Cuidam por país

BRASIL	12 homens, sendo dois cuidadores primários
CHILE	16 homens, sendo oito cuidadores primários
ÍNDIA	19 homens, sendo sete cuidadores primários
MÉXICO	16 homens, sendo nove cuidadores primários
ÁFRICA DO SUL	20 homens, sendo sete cuidadores primários
TOTAL	83 homens, sendo 33 cuidadores primários

As diversidades de contexto dos homens – do meio rural e urbano na África do Sul e Índia, meio urbano no México, Brasil e Chile, e com variadas formações educacionais e familiares – tornaram impossível dividi-los em categorias inteiramente análogas. Além disso, na maioria dos casos, não tivemos qualquer confirmação externa sobre o quanto os homens estavam envolvidos nas tarefas de cuidado em suas casas e famílias. Além disso, os significados e contextos dos seus papéis como cuidadores primários de crianças ou de outros membros da família, como ativistas pela equidade de gênero ou como profissionais em campos dominados pelas mulheres, variavam bastante.

Consequentemente, o presente relatório apresenta as próprias descrições e relatos dos homens sobre suas práticas de cuidado e a nossa análise sobre estes relatos. Alguns homens foram entrevistados uma vez, enquanto outros, duas. As entrevistas geralmente duravam de uma a quatro horas e foram gravadas em áudio com o consentimento dos participantes e posteriormente transcritas e traduzidas quando necessário. Em alguns casos, foram feitas anotações durante as entrevistas e revistas pouco depois. A análise qualitativa foi conduzida utilizando uma abordagem fundamentada nos dados, o que significa que a teoria foi construída a partir de dados existentes e não comprovada através deles.

O roteiro da entrevista encontra-se no Anexo 1. O protocolo e procedimentos éticos foram aprovados pelo Institutional Review Board (IRB) do International Center for Research on Women e por IRBs locais, quando existentes. Os procedimentos éticos passaram por manter o anonimato dos entrevistados bem como pela proteção dos dados recolhidos pela equipe. Os homens não foram remunerados pela sua participação. Todas as entrevistas foram realizadas na língua materna do entrevistado ou numa língua em que ele se sentisse confortável. Todos os homens tinham mais de 18 anos e foi obtido o consentimento informado de cada um.

C. O Contexto Global da Participação dos Homens no Trabalho de Cuidado: Uma Breve Análise

A 48.^a sessão da Comissão das Nações Unidas sobre o Estatuto das Mulheres² (CSW) de 2004 apelou aos governos nacionais a promoção de um maior envolvimento dos homens na paternidade. Incitou os Estados a adotarem e implementarem políticas para diminuir as desigualdades entre homens e mulheres em termos de segregação ocupacional, a promoverem maior tempo de licença parental e regimes de trabalho flexíveis e a incentivarem os homens a participar plenamente no cuidado e apoio de outros, especialmente de crianças³. Apesar deste apelo global para a ação, os esforços políticos no Hemisfério Sul (e partes do Norte) para incentivar a participação dos homens como pais e cuidadores foram poucos e limitados, e as pesquisas sobre homens e prestação de cuidados no Hemisfério Sul são ainda escassas.

As pesquisas afirmam, no entanto, que as mulheres vêm participando em maior número no trabalho remunerado fora de casa, mas que a

² As conclusões da 48ª sessão da CSW estão disponíveis em: <http://www.un.org/womenwatch/daw/csw/csw48/ac-men-auv.pdf>

³ Na seção final deste capítulo é apresentado um resumo destas políticas.

participação dos homens no cuidado e trabalho doméstico não tem, na maior parte do Sul Global, aumentado consideravelmente. No entanto, a prestação de cuidados por parte dos homens está aumentando – ou pelo menos os relatos dos homens estão. Na pesquisa IMAGES quase metade dos homens em todos os locais referiram que trabalham tanto ou mais do que as suas parceiras do sexo feminino em uma ou mais tarefas domésticas. A Índia foi uma exceção notória: apenas 16% dos homens Indianos referiram ter igual ou maior responsabilidade em pelo menos uma tarefa doméstica. Estas atividades domésticas incluíam lavar roupas, fazer reparos na casa, compra de alimentos, limpar a casa, limpar o banheiro, preparar comida e pagar as contas. Não surpreendentemente, as tarefas que os homens disseram que realizavam em igual ou em maior medida são aquelas tradicionalmente associadas aos homens - reparos na casa, pagar contas e comprar mantimentos - enquanto que as mulheres seriam mais suscetíveis a limpar, preparar comida e dar banho, vestir e alimentar a criança (Barker et al., 2011).

Em todos os países pesquisados para o IMAGES, homens mais jovens que viviam juntos com as parceiras desempenhavam mais trabalho de cuidado e tarefas domésticas do que homens das gerações anteriores (Barker et al., 2011). Quando suas parceiras também exerciam profissões remuneradas, os homens afirmaram realizar mais tarefas domésticas do que se fossem os únicos provedores. Outra pesquisa também concluiu que os homens são mais propensos a fazer trabalho relacionado ao cuidado quando suas esposas estão empregadas ou trabalhando por conta própria e que a participação dos homens nos trabalhos de cuidado não remunerados é maior quando estão desempregados (Banco Mundial, 2011).

Outras pesquisas sugerem que as mulheres têm sido mais rápidas em assumir trabalhos remunerados fora de casa do que os homens em assumir trabalhos de cuidado não remunerados dentro de casa. De fato, normas profundamente enraizadas continuam a influenciar percepções sobre quem deve realizar diferentes tipos de trabalho.

Outras pesquisas (principalmente no Norte Global) afirmam que as mulheres são mais propensas do que os homens a fazer mudanças radicais de longo prazo na sua vida profissional em decorrência da maternidade. Para as mulheres em contextos de rendimento médio e/ou alto, essas alterações geralmente envolvem trabalhar em tempo parcial ou alterar tarefas para melhor lidar com as necessidades das crianças e as exigências da vida familiar. Os homens, pelo contrário, muitas vezes mantêm o seu emprego em tempo integral, tiram a licença de paternidade durante curtos períodos de tempo e optam por benefícios financeiros temporários em vez de licenças maiores; eles se concentram geralmente nos esforços a curto prazo para resolver as demandas conflitantes que possam surgir entre trabalho e vida familiar (Organização Mundial de Saúde, 2007). Um estudo sobre homens na Espanha descobriu que, não obstante as mudanças na organização domiciliar, as exigências do trabalho continuam a estruturar a vida de jovens e homens mais velhos (Romero & Abril, 2011).

Ao mesmo tempo, este estudo identificou que uma minoria de homens – que os autores denominam de “pioneiros” – que se aproveitaram da maior flexibilidade de horários de trabalho, foram muitas vezes vistos como corajosos pelos seus pares e parentes por assumirem estes papéis não-tradicionais.

No Norte Global, dados dos Estados Unidos, Suécia, Noruega e Reino Unido mostram que os homens passam mais tempo na realização de tarefas de cuidado do que há 20 anos (Bianchi, Melissa, Milkie, Sayer, & Robinson, 2000, citado em Lee & Waite, 2005; Holter, Svare & Egeland, 2009; Duyvendak & Stavenhuter, 2004). O estudo realizado na Espanha concluiu que apesar de os homens que fazem quase as mesmas atividades do trabalho de cuidado que as suas parceiras estarem ainda em minoria, não são mais socialmente estigmatizados pelas suas atividades não-tradicionais de prestação de cuidado como acontecia no passado recente (Romero & Abril, 2011).

Parte significativa da pesquisa realizada no mundo, a maioria proveniente do Hemisfério Norte, sobre fatores que influenciam os homens a participar no cuidado de crianças e sobre o grau de intensidade, destacam os seguintes: a estrutura familiar (residência/corresidência, estabelecimento de paternidade), a qualidade da relação com a mãe ou outro cuidador, experiências da primeira infância (as lembranças de serem cuidados e suas relações com seus pais), o grau de conhecimento dos homens de como prestar cuidado, sua situação empregatícia e fatores individuais incluindo atitudes sobre paternidade bem como crenças culturais sobre papéis de gênero (Richter, Chikovore, Makusha, Bhana, Mokomane, Swartz & Makiwane, 2011).

Existe também uma extensa literatura, proveniente do Hemisfério Norte e em grande parte focada em famílias nucleares, sobre a participação dos pais na criação dos filhos e sobre seus efeitos no desenvolvimento infantil. A análise feita neste estudo não assenta sobre essas investigações, mas em descrições sobre as experiências dos homens em atividades de cuidado, negociações e fatores contextuais que parecem tornar possível a sua prestação de cuidados.

Outros estudos sugerem que a participação dos homens no trabalho de cuidado no nível familiar está relacionada com identidade – se os homens e aqueles ao seu redor se veem apenas como provedores ou como provedores e também cuidadores. De acordo com o que os homens afirmaram, a sua participação no trabalho relacionado ao cuidado não tem apenas a ver com o trabalho em si, mas sobre o seu significado, sobre a identificação na realização dessas tarefas, e como outros veem as suas contribuições. Numerosos estudos têm descrito os desafios relativos à identidade de homens jovens que internalizam expectativas sociais e familiares de forma a se conformarem com estereótipos de gênero, que os considera “provedores”, incorrendo em vergonha se não conseguirem corresponder a essas expectativas (Leahy, Engelman, Gibb Vogel, Haddock & Preston, 2007; Barker, 2005). Mas poucos estudos têm explorado a importância do

cuidado na construção de identidades masculinas.

A segregação também persiste nos tipos de trabalho remunerado realizado por homens e mulheres. Globalmente, as mulheres têm maior probabilidade de trabalhar na agricultura (37% de todas as mulheres empregadas versus 33% de todos os homens empregados) e no setor de serviços (47% de todas as mulheres empregadas versus 40% de todos os homens empregados), e os homens maior probabilidade de trabalhar na indústria (Banco Mundial, 2011). Os empregos no setor de serviços incluem administração pública, ensino, saúde e trabalho administrativo. As mulheres constituem a maioria dos trabalhadores no setor informal e não remunerado. Mesmo países como a Noruega que fizeram grandes progressos em matéria de igualdade de gênero, incluindo uma quase equalização salarial entre mulheres e homens, ainda têm uma preponderância de mulheres em empregos de serviço e prestação de cuidados (Holter, Svare & Jan Egeland, 2009).

À luz desta pesquisa anterior, o estudo Homens que Cuidam procurou compreender, nas palavras dos homens, como eles começaram a participar em maior grau no trabalho de cuidado – remunerado e não remunerado – do que seus pares masculinos e como eles descrevem esta participação. Procuramos levar em consideração os diversos arranjos familiares e as definições do trabalho de cuidar – para incluir cuidados com filhos biológicos, outras crianças no lar e doentes, deficientes ou familiares idosos. Conforme referido anteriormente, adotamos uma abordagem fundamentada nos dados, escutando relatos de homens sobre prestação de cuidados e procurando evitar visões normativas sobre arranjos familiares e atividades de educação com crianças. Nossas perguntas foram desenvolvidas partindo das premissas de que experiências da infância, dinâmicas de relacionamento e questões contextuais locais eram suscetíveis de serem fatores fundamentais na definição da participação dos homens em atividades de prestação de cuidados.

Ao escolher homens que trabalham em profissões relacionadas com o cuidado, procuramos identificar que tipos de trabalhos eram vistos como profissões de mulheres num determinado contexto. A maioria dessas profissões poderia ser considerada como profissões relacionadas ao cuidado: cuidadores de creches, professores da educação infantil, profissional de enfermagem ou parteiros. Consideramos também a participação dos homens no ativismo pela igualdade de gênero como uma forma de “cuidar” que não é tradicional para os homens. Em alguns casos, principalmente na Índia, os homens não estão em profissões comumente definidas como de cuidado, mas em profissões não-tradicionais para homens (dançarinos, pintores de mão etc.).

Sendo um estudo qualitativo, os resultados deste estudo não podem ser generalizados para a população em geral. No entanto, tomados juntamente com os resultados do IMAGES, podem contribuir para apontar caminhos para a igualdade entre homens e mulheres e para a maneira como abordam as suas próprias trajetórias de vida. Esta avaliação deverá fornecer-nos ideias para apoiar o desenvolvimento de uma maior participação dos homens no trabalho de cuidado e uma divisão do trabalho mais simétrica entre homens e mulheres na vida pessoal e profissional.



Fotografia por Marie Swartz

PARTE 2. RESUMOS DOS PAÍSES

Esta seção apresenta um resumo dos cinco estudos por país. Utilizando o protocolo de pesquisa incluído como Anexo 1 como base, cada equipe de investigação utilizou suas redes locais e identificou os “homens que cuidam.” Parceiros locais da pesquisa adaptaram o questionário às especificidades locais. A análise das entrevistas incluíram múltiplas leituras das transcrições para identificar padrões tanto nas entrevistas individuais como entre as entrevistas. Os temas selecionados para análise entre países são os seguintes: (1) descrição feita pelos homens das suas atividades de cuidar; (2) o lar dos homens e a dinâmica do relacionamento; (3) experiências de infância e caminhos para o cuidado; e (4) atitudes relacionadas à igualdade de gênero. No início do resumo sobre cada país apresentamos uma breve listagem de algumas das políticas existentes em termos de incentivo ou apoio à participação dos homens no trabalho relacionado ao cuidado e à paternidade; em alguns países havia pouca informação a apresentar sobre tais políticas, precisamente porque a questão da participação dos homens na prestação de cuidados raramente tem sido considerada nas políticas públicas.

Homens que Cuidam: Brasil

A. BRASIL



Um Estudo de Caso sobre Homens que se Envolvem em Papéis de Cuidado

Rio de Janeiro, Brasil Por Alice Taylor¹

INFORMAÇÃO GERAL DO PAÍS

BRASIL: Políticas que favorecem a participação dos homens no Cuidado

- Legislação de Paternidade: cinco dias de licença paga (a licença de maternidade é de 120 dias, estendendo-se até 180 dias em alguns locais de trabalho).
- A presença dos homens no parto: desde 2005, as mulheres têm direito a ter uma pessoa de sua escolha para estar presente na sala de parto. Na prática, poucos serviços de saúde facilitam a presença de homens na sala de parto durante o procedimento.
- Custódia partilhada: em 2008, a lei brasileira tornou a custódia partilhada o acordo pressuposto em casos de divórcio.

O ESTUDO BRASILEIRO

Estudo Demográfico

Os 12 homens que entrevistamos viviam no Rio de Janeiro, com exceção de um, que morava em Brasília. As idades variaram entre 22-49 e pertenciam a classes sociais distintas, com cinco deles tendo crescido na pobreza: dois em favelas cariocas, e os outros três em bairros pobres das periferias do Rio. Três homens eram afro-brasileiros, dois eram brancos, e os outros eram mestiços. Os níveis de escolaridade variaram entre ensino médio a pós-graduação. Com exceção de um, todos os outros se identificaram como heterossexuais. Todas as entrevistas foram conduzidas em português, e transcritas para análise.

# dos Homens	Papel Primário de Cuidar
3	Prestadores de cuidados em Creches
3	Ativistas (em prevenção de HIV/AIDS, paternidade, prestação de cuidados, direitos LGBT)
2	Psicólogos e terapeutas de grupos de homens
2	Cuidadores primários (sendo um médico especializado em saúde do adolescente)
1	Enfermeiro
1	Terapeuta de saúde e bem-estar físico

Total entrevistados: 12 homens

Nota: Cinco dos 12 homens eram pais. Para dois deles, ser pai era a atividade principal.

¹ Marcos Nascimento, Márcio Segundo, Fabio Verani, Gary Barker e equipe do Promundo começaram a pesquisa no Brasil e realizaram as entrevistas.

As Práticas dos Homens no Trabalho de Cuidado

Homens em situações de trabalho de cuidado profissional

Reconhecendo a singularidade da sua escolha em exercer profissões normalmente dominadas por mulheres, muitos dos homens no Brasil debateram os desafios enfrentados e os benefícios recebidos como resultado das suas decisões de realizar trabalho relacionado ao cuidado.

Os homens que descreveram os maiores desafios devido às suas ocupações foram os prestadores de cuidados em creches. Estes homens relataram que muitas vezes evitavam determinadas tarefas, tais como a troca de fraldas e banho das crianças e tinham que ser mais cuidadosos nas brincadeiras porque se preocupavam com interpretações e reações dos pais (provavelmente devido à suposição ou receio de que o contato de homens com crianças possa ser sexualmente abusivo). Numa creche pública, uma mãe se opôs a que um cuidador desse banho à sua filha. O próprio pai da menina também nunca a tinha lavado, demonstrando a persistência de papéis de gênero na sua própria casa².

² É interessante notar que esta creche é pública (governo municipal), que tem uma mulher diretora que é muito sensível às questões de gênero e ao envolvimento dos homens. Apesar da resistência inicial de algumas famílias, ela decidiu manter homens trabalhando na creche.

O homem que facilitava discussões em grupos de adolescentes do sexo masculino também enfrentava resistência por parte dos pais, que ele sentia como menosprezo e falta de confiança no seu trabalho, tornando difícil para ele manter o grupo. Ele percebeu que os pais e a sociedade em geral viam o seu trabalho como sendo inferior, o que desestimula os homens a se dedicarem ao trabalho de cuidado. Outros desafios que os homens discutiram sobre suas profissões relacionadas ao cuidado incluíram estigma, falta de respeito, discriminação no trabalho e salários baixos.

Os homens em profissões de cuidado descreveram diversas estratégias para lidar com as tensões relacionadas com as suas profissões. Por exemplo, um dos prestadores de cuidados em creche deu à mãe da menina acima descrita a opção de a sua filha não ser banhada de corpo todo. No final, a diretora da creche decidiu que só as funcionárias mulheres iriam banhar as crianças. As formas como os homens lidaram com as tensões foram através da reflexão ou do humor.

“Eles [amigos] acham que é engraçado... que um homem esteja disposto a fazer essas coisas [em uma creche]. Porque quando você trabalha em uma creche, as pessoas não pensam no trabalho pedagógico que está fazendo. Eles pensam que trocamos fraldas. Por isso, [meus amigos] acham que é engraçado que eu tenha uma inclinação para aquilo...” – Educador em uma creche, 22 anos, formado em pedagogia

Outra estratégia que os homens (consciente ou inconscientemente) utilizam para minimizar algumas das tensões nos trabalhos relacionados com o cuidado foi enfatizar seus aspectos “masculinos”. Por exemplo, um enfermeiro disse ser uma vantagem ser homem porque ele tinha mais força física do que as enfermeiras e conseguia levantar pacientes quando

necessário. Além disso, o enfermeiro associou o fato de ser homem a liderança, confiança, caráter e a educar os outros, que explicou serem todas qualidades que se aplicam à enfermagem. Em outras palavras, os homens concebem o trabalho de cuidar de uma forma que coincide com uma compreensão de si mesmo enquanto homem.

Os homens associaram a sua educação ou formação à prestação de cuidados. Por exemplo, o médico acreditava que um diploma de medicina acrescenta credibilidade e legitimidade ao seu trabalho de cuidar, ajuda-o a estabelecer parcerias entre funcionários governamentais e advogar por melhorar políticas que promovam trabalhos de cuidado e saúde do adolescente. O médico sentia que os funcionários governamentais provavelmente o ouviam e abordavam mais seriamente as questões da saúde do adolescente e do homem por causa do seu grau acadêmico. Outro homem salientou que o trabalho em uma creche como pedagogo contribuiu para o seu desenvolvimento profissional e o preparou para ser um verdadeiro educador para pessoas de todas as idades. Ele subestimou os aspectos do trabalho de cuidar que mais têm sido considerados como trabalho das mulheres, tais como troca de fraldas e banho de crianças e lamentou que o público muitas vezes não reconhecesse a dimensão educativa da creche.

Os homens também transmitiram uma forte percepção de que estão “por conta própria” quando se trata do trabalho de cuidar. Esta atividade não costumava ser uma experiência compartilhada com outros homens, e assim parecia que os homens se sentiam isolados apesar de terem ligações a diversos grupos. Foram relatadas frequentes vezes que não conheciam outros homens que desempenhassem trabalho de cuidado como o deles, nem homens cujas atitudes e comportamentos fossem semelhantes aos seus.

No entanto, globalmente, apesar dos inúmeros desafios, os homens demonstravam insistentemente satisfação e aspectos positivos do seu trabalho como cuidadores. Prestadores de cuidados de creche consideraram que, para além do protesto ocasional, os pais geralmente os tratavam bem; um homem recordou que um pai mencionou o aspecto positivo de o seu filho ser exposto a uma figura masculina na creche. Orgulho também foi um sentimento recorrente que os homens usaram para descrever o que sentiam sobre seu trabalho relacionado ao cuidado e às atitudes e comportamentos incomuns entre pares.

“Você não está limitado por aquilo que os outros pensam... Eu acho que é um incentivo”. – Prestador de cuidados em creche, 22 anos com formação em pedagogia

Cuidadores profissionais e cuidado no lar

Todos os homens que eram pais frequentemente se referiam à paternidade como a principal função de prestação de cuidados nas suas vidas pessoais e, geralmente, expressavam grande alegria em serem pais. Homens que trabalhavam em profissões relacionadas ao cuidado descreveram que seus papéis como pais foi um fator que facilitou o desempenho na sua



Fotografia por Naomi Onaga

profissão de cuidado, especialmente para os homens que trabalhavam em creches. Um prestador de cuidados em uma creche que ainda não era pai observou componentes de paternidade na forma de cuidar das crianças, que ele via como relevantes para o seu futuro papel como pai. Cuidadores primários descreveram algumas diferenças que associavam aos papéis de paternidade para meninas e meninos. Como parte da paternidade estava em ensinar ao filho “a como ser um homem”, que os levava a refletir sobre aquilo que ser um homem e um cuidador significava para eles.

Tive muitos incentivos, oportunidades de abandonar ou colocar a paternidade em segundo lugar. Acho que foi essa falta de ter um pai que eu não queria para meu filho, eu sabia que era ruim. Um filho não merece isso.

– Um homem que se tornou um pai aos vinte anos e teve que lutar para se tornar o cuidador principal do seu filho

Outro homem descreveu as expectativas de pais brasileiros em relação às filhas, como sendo protetores e ciumentos. Um pai sentia ser mais seguro educar meninos que meninas numa “sociedade machista, sexista e violenta”. Outros cuidadores também descreveram algumas maneiras em que eles educavam seus filhos: de uma forma equitativa de gênero, incentivando-os a brincar com brinquedos que não aderiam estritamente a estereótipos de gênero.

De um modo geral os homens em profissões de cuidado e cuidadores primários estavam motivados em se tornar mais fortes em seus respectivos papéis e tinham um sentimento de curiosidade e vontade de aprender. Sentiam paixão pelo seu trabalho e no cuidado com os outros e se notava que se sentiam satisfeitos ao ver os resultados de suas tarefas, fosse com as crianças, com os participantes em grupos de homens, ou nas políticas. Outros descreveram suas motivações para vencer desafios em seu trabalho, como encontrar formas criativas para enfrentar violência contra as mulheres. Um homem sentia que o trabalho de cuidado havia permitido conhecer mais sobre si próprio e sobre os outros homens e a ter um melhor relacionamento com sua família. Eles também deram exemplos de como outros homens que eles encontravam manifestavam interesse no trabalho de cuidar. No caso do jovem líder comunitário, outros homens jovens e mulheres o procuravam para aconselhamento, comentando que seu trabalho era “maneiro” e perguntavam como eles poderiam fazer algo semelhante. Estes exemplos sugerem que, enquanto os homens frequentemente apontavam as dificuldades relacionadas ao seu trabalho de cuidado devido à rigidez dos papéis de gênero no seu ambiente e na sociedade brasileira de um modo geral, eles se sentiam satisfeitos por serem capazes de se livrar de expectativas sociais e fazerem o trabalho que os realizava.

Relacionamentos com as Parceiras e Dinâmica Familiar

Para os homens envolvidos como cuidadores primários no lar, o fato



Fotografia por Pernilla Norström

de terem experiências positivas e saudáveis com as suas parceiras parecia influenciar as suas atitudes equitativas de gênero e o seu envolvimento no trabalho de cuidar. Quatro dos homens da nossa amostra estavam solteiros, dois eram casados e os restantes estavam em um segundo relacionamento após terem se separado ou se divorciado. Relacionamentos destrutivos e pouco saudáveis deixaram alguns homens com uma persistente desconfiança em relação às mulheres, por vezes criando tensões que transitaram para as suas atividades de prestação de cuidados. Por exemplo, um homem em particular – um pai – associava relacionamentos com ciúme e posse, dizendo, “Eu era um homem livre antes de ser “capturado” pela minha [anterior] mulher.” Esses resultados são consistentes com outros estudos que revelam que a capacidade de o casal de cooperar e evitar conflitos tem sido considerado o principal fator de estabilidade no envolvimento do pai, mesmo quando o relacionamento romântico acabou (O’Brien 2011: 96).

O nível de envolvimento dos homens na divisão das tarefas domésticas com suas parceiras ou outros membros da família variou. É comum no Brasil que homens solteiros morem com a sua família (geralmente com suas mães) até a vida adulta. Isto significa que os modelos de estruturas de gênero e comportamentos da infância dos homens às vezes se prolongam até à idade adulta, mas em vários casos os homens sentiram que tinham influenciado mudanças no seu ambiente familiar. Todos os homens envolvidos na prestação de cuidados em casa relataram que participavam nas tarefas domésticas, mas aqueles que se consideravam a si próprios como principais prestadores declararam gastar menos tempo com tarefas domésticas e responsabilidades parentais quando tinham mais tempo, como nos finais de semana e à noite.

No entanto, mesmo com a partilha das tarefas domésticas, houve uma divisão persistente quando se tratava da divisão principal de responsabilidades familiares: os homens eram encarregados da parte financeira, que poderia incluir compra de alimentos ou materiais para o lar e as mulheres, normalmente as mães, eram responsáveis pela cozinha. Limpeza e cuidado com as crianças pareciam ser propícias a uma maior flexibilidade em termos de quem as executava.

Em suma, apesar de este estudo ter identificado homens que tinham perspectivas mais igualitárias sobre a divisão do trabalho no lar, permanecem barreiras que os impedem de partilhar tarefas domésticas com a sua parceira. Esta vontade de partilhar o trabalho de cuidar também é influenciada pela relação com a mãe de seus filhos, que pode motivar ou dificultar essa participação.

As Experiências de Infância dos Homens e Caminhos para o Cuidado

Quase todos os homens descreveram as adversidades em sua infância e adolescência e os modelos positivos como afetando os seus papéis como cuidadores. Os homens deram vários exemplos da sua exposição aos papéis de gênero e aos modelos de cuidar enquanto cresceram em locais

pobres ou de baixa renda, incluindo a necessidade de todos na família contribuírem nas tarefas domésticas por necessidade. Por exemplo, um homem que foi educado numa família de baixa renda por uma mãe solteira que chegava em casa do trabalho às 22h30min lembrou que não era possível esperar até que ela chegasse para lavar os pratos. Outro homem teve que aprender a cuidar dos irmãos desde a mais tenra idade porque os adultos de sua família ou eram alcoólatras, viviam na rua, ou estavam envolvidos no tráfico de drogas. Alguns homens expressaram que o relacionamento com os seus pais os levou a refletir sobre o que queriam em suas próprias vidas – ou seja, ser mais presente, desenvolver amizades com seus filhos e ter relacionamentos saudáveis em geral.

Para alguns homens, testemunhar ou vivenciar violência nos primeiros anos de suas vidas desempenhou um papel importante sobre a decisão de cuidar. Uma liderança do movimento jovem lembrou que a proximidade entre a população da favela onde cresceu fez com que fosse constantemente exposto a violência verbal e física contra mulheres. Para outro homem, um pai agressivo e um clima de repressão política durante a guerra civil no seu país de origem na América Central antes da sua emigração para o Brasil contribuíram para forjar sua aversão a ambientes domésticos violentos e instáveis. Mais tarde, na adolescência, a violência esteve presente em outro evento que lhe modificou a vida: o assassinato de uma espécie de mentor e o desaparecimento de amigos próximos. A presença de violência durante a vida deste entrevistado influenciou sua maneira de lidar com a violência, através da formação de grupos de terapia, primeiro com mulheres vítimas de violência, e mais tarde com homens que haviam cometido violência. Do mesmo modo, para o ativista LGBT, os membros da comunidade LGBT se solidarizavam uns com os outros e com a equidade de gênero com base em experiências compartilhadas de violência, estigma e discriminação. Alguns autores consideram que a amizade é uma das relações mais importantes para a comunidade LGBT, de alguma forma substituindo a família de origem, considerado local de preconceito e discriminação (Nardi, 2004, Eribon, 2006).

O local onde os homens foram criados, as origens de seus pais e a migração para o Rio de Janeiro também moldaram as suas opiniões sobre o cuidar. Dos homens entrevistados, vários foram criados ou tinham pais de sociedades mais tradicionais, como a nordestina e em um caso do Sul gaúcho do Brasil. Estes homens discutiram o que significava ser um homem ou uma mulher na sociedade com estruturas e normas estritamente patriarcais (onde é geralmente esperado que somente os homens sejam chefes de família e provedores).

Para além das experiências da infância e origem geográfica, as outras fontes mais comumente mencionadas de influência sobre os caminhos para o cuidado vieram das primeiras experiências de homens no ativismo, ONGs ou grupos comunitários – ou porque simplesmente se

sentiam insatisfeitos com as normas tradicionais de gênero.

Vários homens descreveram terem sido levados a atuar em formas não tradicionais de cuidado devido à sua insatisfação com o *status quo*, como atitudes e comportamentos que viram em suas próprias famílias, nas ruas, as expectativas da sociedade sobre a forma rígida de ser homem, e a falta de envolvimento dos homens nas famílias. Esses homens se mostravam orgulhosos ao descrever o seu questionamento e subversão de normas de gênero, tal como questionariam outros aspectos da sociedade. Um homem foi levado a trabalhar em políticas de saúde para homens de modo a influenciar o sistema depois de ter trabalhado durante anos em nível local com grupos de homens. Dois homens haviam participado em projetos de promoção da equidade de gênero em ONGs, antes de se tornarem líderes comunitários. E um caso de pura casualidade: um homem que tinha trabalhado anteriormente como segurança em uma estação ferroviária perigosa, porque não conseguia encontrar outro trabalho, apresentou o currículo em uma creche, e apesar de não ter experiência anterior, foi selecionado e encontrou satisfação no novo emprego.

O apoio no início dos seus papéis de cuidadores foi crucial para alguns homens. Em particular, os prestadores de cuidados em creches expressaram dúvidas sobre serem aceitos, mas sentiram-se bem recebidos pelos seus colegas no início dos seus trabalhos, mesmo sendo o único ou um dos muito poucos homens. Do mesmo modo, iniciar grupos com homens foi o mais difícil para os terapeutas que lideraram grupos de homens, referindo que se beneficiaram da ajuda dos outros para recrutar participantes.

Atitudes relacionadas a questões de Gênero e Cuidado

A maioria dos homens expressou um sentimento generalizado de descontentamento no que se refere ao papel tradicional “masculino”. Um entrevistado explicou que sentia que os homens lutavam para ajustar o cuidado em suas construções de masculinidade, em grande medida porque eles tinham que fazê-lo isoladamente. Um homem em particular sentia que os papéis dos homens eram arcaicos e rígidos.

“Não há qualquer movimento coletivo que informe os homens sobre como incorporar noções positivas ou alternativas de masculinidade, como o cuidado.” – Psicólogo que lidera grupos de homens e é pai de duas crianças

Uma referência interessante destas conversas foi o fato de os homens afirmarem que defendiam opiniões equitativas de gênero na teoria mas que, por vezes, pareciam ter que lutar para manter comportamentos equitativos de gênero na prática. Um homem que trabalhava com questões relacionadas a paternidade e prevenção da violência com grupos de homens em uma favela acreditava que apoiava a equidade de gênero como um todo. No entanto, se referiu aos desafios vividos no dia a dia de forma consistente com essas opiniões.

Até hoje, quando a minha esposa está estressada e bate (no filho), eu digo: 'não é assim'. Mas até eu quando me estresso, acabo usando a violência também... uma vez minha esposa ficou ansiosa, e eu não sei o que nosso filho fez, mas ela bateu nele, e eu, para fazê-la parar, a empurrei. Eu falei uns desaforos para ela. Na tentativa de fazê-la parar de bater [em nosso filho], eu acabei usando violência [também]." – Um ativista e pai com cerca de 20 anos

Outro homem que, em geral, tinha opiniões equitativas de gênero, na prática mantinha uma relação destrutiva com a esposa de seu filho, traduzindo-se em sentimentos negativos e de dominação: desconfiança das mulheres, ciúme, manipulação e medo de perder espaço na vida do seu filho.

As atitudes dos homens sobre políticas existentes

As opiniões dos homens sobre políticas relacionadas com equidade de gênero, por vezes, também diferiam da sua prática de cuidado. É importante ressaltar que resultados similares foram encontrados na pesquisa IMAGES (Barker et al., 2010), que descobriu que os homens eram mais propensos a abraçar opiniões equitativas de gênero no nível político ou na teoria, mas tendiam a ser mais resistentes quando as questões vinham “para a vida pessoal”.

Os homens expressaram duas opiniões sobre política e equidade de gênero. Em primeiro lugar, além de promoverem a equidade entre homens e mulheres, alguns homens disseram que essas políticas deveriam identificar e tratar das desigualdades entre os homens segundo as diferenças de raça, situação socioeconômica, geografia, migração e idade. Por exemplo, os jovens enfrentam realidades diferentes de homens idosos, e homens afro-brasileiros têm desafios diferentes dos brancos. Lidar com questões de status socioeconômico, classe e exclusão social é particularmente importante no caso do Brasil. A discussão de alguns homens sobre direitos LGBT ilustrou mais fortemente as desigualdades entre os homens. Como um ativista fez notar, a maioria das políticas e programas LGBT é voltada para pessoas LGBT da classe média e alta e não conseguiam chegar àqueles que vivem na pobreza, que enfrentam desafios desproporcionais para acessarem seus direitos.

Outros entrevistados também argumentaram que a contribuição de homens seria importante para assegurar que as políticas públicas abordassem de forma precisa as barreiras dos homens no acesso aos serviços de saúde e para que respondessem às suas necessidades. Por exemplo, a um homem parecia impossível criar políticas voltadas para prevenção e tratamento do HIV sem ouvir e envolver as pessoas vivendo com HIV/AIDS. Os homens também constatarem a ausência de uma sociedade civil organizada em torno das questões de masculinidade e saúde do homem apesar da existência de numerosas organizações que defendem a saúde da mulher e o feminismo. Este ponto reflete a sua afirmação sobre a ausência de movimentos ou modelos para homens que querem “fugir à regra”.

Havia grandes lacunas de conhecimento por parte da maioria dos homens sobre políticas de igualdade. Em geral, não tinham conhecimento sobre seus direitos, incluindo o direito à licença de paternidade e aqueles que tinham ouvido falar desconheciam que permitia aos homens cinco dias de licença paga (um ou dois homens conheciam a duração). A questão da licença de paternidade provocou muita discussão entre os homens, nomeadamente sobre a importância da presença dos pais no nascimento e a necessidade de a licença de paternidade ser mais longa. Como um homem descreveu, é um reflexo da sociedade priorizar a maternidade sobre a paternidade.

“Cinco dias [de licença], penso, são de fato surreais e acho que só reforça a ideia de que os homens não estão interessados em ser pais. Por exemplo, para algumas coisas [sobre a criança], elas só chamam o nome da mãe. Penso que é terrível; parece que os homens não querem ser pais, parece que eles são sempre pais por acidente, sabe. Nunca estão cientes das coisas e penso que é terrível porque dessa forma, nós sabemos que as leis trabalhistas são sempre secas, mas eu acho que [licença paternidade] vai mais além [de leis trabalhistas], acaba por orientar a sociedade sobre certas questões de gênero, certo?” – Entrevista com prestador de cuidados em creches, 22 anos

Outro pai descreveu a luta pela guarda do filho e para ser o cuidador primário após o afastamento da mãe. Para outro pai jovem com cerca de vinte anos a paternidade serviu como um rito de passagem em que ele teve de defender um papel que sentia ser desencorajado a assumir pela sua comunidade.

É óbvio que os “homens que cuidam”, no Brasil, precisam conciliar seus próprios sentimentos sobre equidade de gênero com o processo solitário que frequentemente os coloca à margem da sociedade. Esses desafios fomentam também ressentimentos contra aqueles que não reconhecem os homens nos papéis de cuidado. Eles desejam reconhecimento e valorização por parte dos seus pares, mas também por parte do seu governo, que alegam que muitas vezes os deixa sem espaço em políticas que estimulem o cuidado e o bem-estar do homem.

Reflexões

Era perceptível pela forma como os homens enquadravam e discutiam masculinidades e cuidado que estavam continuamente a reconstruir e negociar a sua masculinidade. Precisamente devido à carência de referências de cuidado e incentivos para participarem deste trabalho, os entrevistados tinham que buscar ativamente sua experiência na participação das tarefas de cuidado. A escolha dos homens em assumir atividades relacionadas ao cuidado, quer como profissão quer em casa, também foi moldada por aquilo que os homens consideravam modelos disponíveis. Os homens neste estudo demonstraram iniciativa e deliberadamente escolheram o seu trabalho de cuidar; observaram



Fotografia por Jonh Spaul

e desconstruíram estruturas e padrões de gênero ao redor deles; interagiram em grupos diversos e criaram redes com outros homens (e mulheres), e foram defensores e representantes do trabalho de cuidar e trabalho relacionado com gênero. Os homens vivenciaram um apoio confuso em relação ao seu trabalho de cuidado. Mesmo aqueles que foram bem recebidos pelos colegas em creches ou outras profissões de cuidado, relataram que continuavam a enfrentar o estigma dos pais e da sociedade. Torna-se igualmente evidente, a partir de tais reflexões, que as percepções daquilo que constitui o trabalho de cuidado e as questões que mais interessam aos entrevistados diferem de acordo com as experiências de vida ou mesmo pela orientação sexual. Observações como estas podem exigir uma maior exploração quanto à definição e dimensões sobre o que é o trabalho de cuidar.

Os relatos dos homens neste estudo também confirmam que as políticas e programas desempenham funções importantes para criar condições e promover uma cultura de atenção aos homens e para compreender a diversidade entre eles. Esses fatores são particularmente importantes para a promoção da igualdade entre os homens no Brasil. Existem muitas políticas previstas no que toca a prever o trabalho de cuidar como algo que os homens “façam”, a “igualdade de gênero” como politicamente significativa, e o envolvimento dos homens na busca da igualdade de gênero. Estas oportunidades incluem, entre outras, debates sobre prorrogar a licença de paternidade para além dos cinco dias atuais e analisar como o programa de apoio ao rendimento nacional do Brasil, Bolsa Família, afeta a dinâmica familiar, incluindo a participação paterna.

REFERÊNCIAS

- Barker, G. , Contreras, J. M. , Heilman, B. , Singh, A. K. , Verma, R. K. e Nascimento, M. (2011). *Evolving Men: Resultados iniciais do International Men and Gender Equality Survey (IMAGES)*. Washington, D. C.: International Center for Research on Women (ICRW) e Rio de Janeiro: Instituto Promundo.
- Eribon, D. (2004). *Insult and the making of the gay self*. Durham: Duke University Press.
- Nardi, P. (2004). "The politics of gay men's friendship" em Kimmel, Michael; Messner, Michael. *Men's Lives*. Boston: Pearson, pág. 402-5.
- O'Brien M. (2011). *Fathers in challenging family contexts: a need for engagement*. Men in Families and Family Policy in a Changing World. Nova Iorque: United Nations Trust Fund on Family Activities.

Homens que Cuidam: Chile

B. CHILE

Um estudo qualitativo sobre homens e prestação de cuidados

Por Francisco Aguayo e Michelle Sadler

INFORMAÇÃO GERAL DO PAÍS

CHILE: Políticas que favorecem a participação dos homens no cuidado

- Em 2005, a licença paternidade foi ampliada de dois para cinco dias, que devem ser tiradas no primeiro mês após o parto. Desde 2011, as mães têm o direito de transferir até seis semanas de licença maternidade para o pai (aumentando para até 12 semanas o trabalho em tempo parcial para os pais).
- Em 2008, foi aprovada uma lei que amplia o direito a creches públicas para pais que tenham a custódia dos filhos com 2 anos ou menos.
- Em 2008, as mulheres passaram a ter o direito a acompanhante durante o parto. Nesse mesmo ano, 80% das mulheres decidiram ser acompanhadas por uma pessoa da sua escolha, geralmente o pai.

O ESTUDO DO CHILE

Estudo Demográfico

Dezesseis homens foram entrevistados em duas cidades do Chile - Santiago (13 entrevistas) e Valparaíso (três entrevistas); os inquiridos tinham entre 21 e 67 anos de idade, com origens em áreas urbanas e rurais. Doze dos entrevistados eram pais e 12 viviam com uma parceira (casados, co-habitantes ou em relacionamentos de longa duração). A maioria dos homens tinha frequentado a universidade – este fator constitui uma limitação do estudo, uma vez que a maioria dos homens entrevistados tinha um nível elevado de instrução e desempenhavam atividade profissional. Dois entrevistados foram identificados como tendo baixo nível socioeconômico. Seis homens foram selecionados pelo seu envolvimento em prestação de cuidados profissionais como terapeutas e parteiros. Oito homens foram escolhidos porque se consideravam cuidadores “ativos” no lar e dedicavam a maior parte do seu tempo ao cuidado com os filhos.

# de Homens	Cuidador Principal/Papel Doméstico
10	Homens ¹ envolvidos no cuidado e/ou tarefas domésticas
2	Parteiros (um também dividia as tarefas domésticas com as parceiras)
2	Psicólogos (um deles é também um pai envolvido)
2	Estudantes de Medicina (Obstetrícia e Saúde Infantil)

Total: 16 entrevistados

¹ Seis foram identificados como “pais ativos” e dois foram identificados como “envolvidos nas tarefas domésticas.” Dois entrevistados estavam incluídos em ambas as categorias.

As Práticas do Cuidado

Homens em Profissões relacionadas com o Cuidado

Os homens desta categoria eram profissionais que trabalhavam em ambientes tradicionalmente dominados por mulheres como, por exemplo, os parteiros. Estes homens foram recomendados e depois selecionados para este estudo por membros de uma rede profissional de homens envolvidos na promoção da equidade de gênero. Quatro dos homens entrevistados eram parteiros ou assistentes de parto (estudantes e profissionais). Estes participantes eram dedicados à prestação de cuidados de mulheres e crianças recém-nascidas – profissão tradicionalmente feminina. Um participante estava envolvido em programas de saúde do governo e defendeu direitos reprodutivos de homens e mulheres, no momento da entrevista. Outros entrevistados incluíam dois psicólogos que trabalhavam principalmente com populações vulneráveis.

No geral, os homens entrevistados estavam satisfeitos com o seu trabalho de cuidar e se sentiam satisfeitos em suas profissões. Achavam-se abertos a novas dimensões da masculinidade que nem todos os homens exploravam, tais como a sensibilidade, cuidar dos outros, entre outras.

Cuidadores Profissionais e Cuidado no Lar

No Chile, as atitudes perante a paternidade variam e o papel tradicional dos homens como provedores unicamente econômicos está a ser questionado. Como um entrevistado, Alberto², pai de três filhos e separado, afirmou: “primeiro vêm os filhos, depois o trabalho e depois eu.” Participantes que tinham filhos disseram que tentam ser pais presentes, ativos, próximos e afetuosos, mesmo estando separados da mãe. Dois entrevistados que estavam separados no momento da entrevista afirmaram que dividiam igualmente o seu tempo com a mãe no cuidado das crianças (tanto o pai como a mãe tinham uma atividade assalariada). Outro pai ativo era obrigado a manter um horário flexível de trabalho para cuidar de quatro filhos, mantendo o seu papel como ativista pelo envolvimento de pais.

Segundo muitos dos entrevistados, a paternidade foi uma experiência significativa na qual assumiram um papel ativo na educação das crianças, assumindo papéis que variavam desde a troca de fraldas até passar tempo em casa quando não havia ninguém disponível para ficar com os filhos. No entanto, apesar do conforto notório dos respondentes em serem cuidadores envolvidos, alguns desses homens disseram que familiares, amigos e colegas de trabalho viam a sua relação com os seus filhos como sendo pouco habitual.

² Todos os nomes foram mudados para preservar a confidencialidade.

³ “Cuando podía, yo siempre quise ser un padre más involucrado de lo que muchos padres son con sus hijos, con todas las labores de cambiarle el pañal, mudarlo, bañarlo, mi papá me pregunta siempre por qué hago eso, y es porque él no lo hacía nunca, me decía que ese es trabajo de la mujer, y ahí está lo que es machista de mi papá, y nada, yo le decía papá, eso es de hace 50 años ya, “pero hijo, te vas a estresar” decía él, yo entiendo que mi papá tiene buenas intenciones conmigo pero no estaba de acuerdo nomás” (E14, Coby).

“Eu sempre quis ser um pai que fosse mais envolvido do que um grande número de pais são com seus filhos em todas as tarefas, como a troca de fraldas, banho. Meu pai me pergunta por que faço isto. E é porque ele nunca fez. Ele diz que isso é trabalho de mulher e isso é o chauvinismo dele. Eu disse: ‘Pai isso foi há 50 anos,’ e ele diz, “mas filho, você vai se estressar.” Sei que meu pai tem boas intenções, mas já não vemos o mundo da mesma forma.” – Coby³

Dado que, em geral, no Chile, o papel de provedor ainda pertence aos homens e o papel de cuidar às mulheres, o trabalho remunerado é muitas vezes um entrave para os homens que desejam participar mais equitativamente no cuidado. Os motivos vão desde a falta de políticas de trabalho a horários de trabalho rígidos ou falta de permissão do empregador.

“... Eu falei com essa pessoa, disse que eu precisava de uma licença para resolver um assunto doméstico em casa com a minha filha, minha filha acabava de nascer, e sua resposta foi: “Bem, mas sua esposa precisa lidar com essas coisas, você não.” Então, é, mais uma vez, você vê, isto é mais cultural de... Onde eu fiz coisas igualmente, eu as fiz igualmente, porém já está generalizada uma distância clara em relação às interpretações desse tema” – Diego⁴

Para alguns homens, a experiência da separação ou divórcio os fez questionar a paternidade e alimentou o desejo de serem cuidadores ativos; precisavam encontrar outro lar apto para seus filhos, aprender a resolver questões domésticas e se coordenar logisticamente com a ex-parceira. Dois dos entrevistados dividiam o tempo de cuidado dos filhos com a ex-parceira, enquanto outro pai se tornou o cuidador primário do seu filho após passar a maior parte de sua vida como um pai afastado. Outro participante encontrou uma casa próxima à casa dos filhos para estar perto e disponível.

No caso do cuidado no lar, os homens relataram múltiplas barreiras, inclusive a família e as tradicionais expectativas culturais para que assumissem papéis masculinos mais tradicionais. Mas encontraram formas – talvez mais frequentemente do que outros, na sua posição – para serem pais presentes e disponíveis, como conseguir um emprego com horário de trabalho flexível, e procurando manter um bom relacionamento com a mãe se estivessem separados.

Relacionamentos com as Parceiras e Dinâmica Familiar

Os homens entrevistados relataram que ser um pai envolvido não era fácil. Precisaram aprender a fazê-lo, se assegurar de que era compatível com o atual emprego e conciliar os horários de trabalho e de cuidado com a mãe (atual ou antiga parceira) – observações parecidas com aquelas feitas por mulheres que são cuidadoras primárias.

Um antecedente importante para a participação dos homens nas tarefas domésticas e de cuidado parecia ser o relacionamento colaborativo com a mãe. Houve vários acordos firmados entre casais sobre os tempos dedicados ao trabalho, parcial ou integral, e o tempo disponível para passar em casa, o apoio de outros familiares (principalmente a disponibilidade das avós, no apoio adicional), o trabalho doméstico remunerado, e até mesmo preferências pessoais.

⁴ “Y a propósito de la pregunta anterior respecto a las facilidades, en un minuto yo converso con esta persona, le comento la necesidad de tener que salir a resolver un tema doméstico en la casa con mi hija, ya había nacido mi hija, y la respuesta de ella fue “bueno, pero esas cosas las tiene que hacer tu mujer, no tú”; entonces eh, ahí ya de nuevo, te fijas, esta cosa más cultural, digamos, del, del... donde yo hice las cosas igual, lo hice igual, pero ya se generó una distancia clara respecto a las lecturas del tema” (E5, II, Diego 175-177)

⁵ “La distribución objetiva del cuento es, que por ejemplo, yo soy el que hace las camas, el que barre, el que sale a comprar, en general; la loza, el lavado, el planchado, es mi mujer” (E5,I, 254 Diego)

“Sobre a distribuição do trabalho, por exemplo, sou eu quem faz as camas, varre, vai às compras em geral; cozinhar, lavar e engomar é feito pela minha esposa.”. – Diego⁵

Um parteiro que tinha formação em questões de gênero e não tinha nenhum filho disse que dividia as tarefas domésticas equitativamente com a sua parceira. Antônio, psicólogo, era casado com uma mulher que trabalhava em tempo integral no momento da entrevista. Ele, por outro lado, tinha um horário flexível, o que lhe permitia ter um maior entendimento de como cuidar de seus filhos. Álvaro (outro parteiro), por exemplo, foi socializado para realizar tarefas domésticas. A sua parceira, no entanto, vinha de uma cultura em que a casa era o lugar da mulher. Álvaro queria partilhar tarefas domésticas, mas a sua agora ex-companheira achava que o seu papel como “mulher da casa” era posto em questão com esse arranjo (ambos trabalhavam em tempo integral e passavam quantidades iguais de tempo em casa). Isto causou tensões enquanto casal e se tornou uma das razões pelas quais eles terminaram o seu relacionamento. Felizmente, esta tensão não existe com a sua atual parceira.

Concluindo, o envolvimento do cuidador masculino em muitos casos dependia do tipo de relação que tinham com a parceira. Os homens entrevistados demonstraram que tentavam dividir as responsabilidades da casa de forma equitativa mesmo se não estivessem mais envolvidos romanticamente com a companheira, mas, em alguns casos, o trabalho e até mesmo a parceira apresentaram barreiras para fazê-lo.

As Experiências de Infância dos Homens e Caminhos para o Cuidado

Os homens entrevistados forneceram diversas explicações sobre como se envolveram no cuidado. Para alguns, os familiares serviram como modelos, para outros, eventos específicos que ocorreram os obrigaram a reorganizar e repensar seus papéis dentro da família.

Foi observado que identificar-se com um pai presente, preocupado e carinhoso envolvido no cuidado era um fator importante para as atuais perspectivas positivas dos homens sobre equidade de gênero. Por exemplo, Gonzalo, um pai ativo, afirmou:

⁶ “Mi papá era el que nos llevaba al pediatra, mi papá era el apoderado, mi papá era el que se asustaba cuando estábamos enfermos y nos llevaba a urgencia (J), o sea, era una persona muy, muy presente (...) mucho de lo mío es un reflejo de lo aprendido con mi papá” (E1,I, 46 Gonzalo).

“Meu pai era quem nos levava ao pediatra, meu pai era o tutor legal, meu pai era quem ficava assustado quando estávamos doentes e nos levava para a sala de emergência. Ele era muito, muito presente... muito do que eu faço é um reflexo do que eu aprendi com meu pai.” – Gonzalo⁶

É interessante notar que no caso de Gonzalo, apesar de reconhecer o envolvimento de seu pai no cuidado, ele ainda o descreveu como um provedor tradicional e sua mãe como “mulher da casa”. Para outros

homens, outras figuras de apoio como um tio ou médico de família reforçaram a ideia de um cuidador empenhado e envolvido.

No entanto, foi difícil para alguns homens encontrar figuras que tivessem tido uma “consistência” de comportamentos equitativos de gênero. Por exemplo, enquanto o pai de Gonzalo demonstrava a importância de estar envolvido na vida das crianças desde a mais tenra idade, ele era também extremamente homofóbico. Seu pai não lhe permitia partilhar a cama de seu irmão quando ele tinha pesadelos e ameaçava: *“Eles matam maricas. Vou te levar amanhã no quartel.”*

Evidentemente, isso era uma experiência dolorosa para Gonzalo e fez dele mais cauteloso para proteger seus próprios filhos de tal tratamento. Por exemplo, em resposta ao assédio homofóbico que seu filho vivenciou na escola, Gonzalo se reuniu com professores, a diretora da escola e outros representantes da escola para combater a questão. Ele relatou ser sensível ao modo como as vítimas podem se sentir em circunstâncias tão injustas.

A normalização das tarefas domésticas para meninos na infância ou adolescência pareceu ser uma variável importante e relevante que poderia explicar comportamentos equitativos em casa. Para alguns homens, havia regras familiares explícitas – geralmente iniciadas pela mãe – de que eles precisavam aprender a realizar tarefas domésticas. Outros foram educados como ativistas com sensibilidades para questões sociais, como foi o caso de Octavio, pai ativo de um filho, cuja mãe, uma assistente social, o levou à prisão local para que pudesse entender as realidades da juventude encarcerada. Experiências de infância com a pobreza e a insegurança econômica geral também influenciaram sensibilidades sociais de alguns dos homens entrevistados.

Para Matías, um pai ativo que dividia as tarefas domésticas com sua parceira, a educação igualitária que recebeu enquanto viveu na Suécia foi especialmente importante. Ele sentia que naquele local não havia diferenciação social entre ele e suas irmãs; todos foram socializados para o cuidado e para a realização de tarefas domésticas por meio de atividades como cuidar das bonecas, cozinhar e costurar.

Em síntese, terem vivenciado um acontecimento que mudou a sua existência obrigou alguns homens entrevistados a repensarem seus papéis domésticos. A divisão das tarefas foi uma experiência doméstica que teve resultados diversos. Para Diego, pai ativo de três filhos, a falta de redes de apoio social (Diego foi exilado na época) e pais que trabalhavam em tempo integral, fez com que cuidasse de sua irmã, que era 15 anos mais jovem. Esta foi uma experiência de aprendizagem para ele em termos de cuidado e foi um início positivo para a sua futura relação como irmãos.

Experiências passadas formaram parte da identidade dos entrevistados, o que influenciou o seu modo de ver o cuidar. É possível que as experiências positivas em que pais praticaram uma distribuição equitativa das

responsabilidades tenham o mesmo poder das experiências mais dolorosas da infância, em que se sentiam sozinhos e sem apoio.

Atitudes relacionadas às questões de Gênero e Cuidado

Apesar de participarem enquanto cuidadores nas vidas das suas crianças, alguns homens entraram em contradição quando falaram sobre equidade de gênero. Ou seja, assumir comportamentos equitativos de gênero não é necessariamente acompanhado por um discurso pró-igualdade de gênero quando se trata da esfera política. Por um lado, alguns reconheciam a hierarquia de gênero (onde os homens são geralmente vistos como dominantes e as mulheres como subordinadas), e que os homens tinham mais acesso aos espaços de poder e de tomada de decisão mesmo em locais aparentemente inócuos.

“Os espaços políticos são realmente chauvinistas...eles são clubes ‘só para homens’ ... É um problema notório” (suspiro). – Gonzalo⁷

⁷ “Los partidos son súper machistas (...) son clubes de Bobby los partidos, es una cuestión impresionante ((suspiro)). (E1, II, 178-179 Gonzalo)

Vários homens, apesar de se apresentarem como sendo cuidadores equitativos no lar, não viam a lógica nem a necessidade de medidas para promover a igualdade de gênero e ambientes equitativos (por exemplo, os esforços para promover remuneração igual e a participação de homens no parto, entre outros). Parecia que a equidade de gênero havia sido assumida como uma questão pessoal e circunscrita em torno de temas específicos (por exemplo, ser um pai envolvido apesar de estar separado da mãe), ao invés de promover a equidade de gênero como uma causa social.

“Eu acho que... não faz sentido. Acho que se o homem ganha mais do que uma mulher é porque a mulher decide trabalhar em tempo parcial, por exemplo. Eu não acho que é porque, porque...pelo simples fato de ser um homem ou mulher que eles darão o salário à mulher.” – Alberto⁸

⁸ “Yo creo que...que no tiene sentido regular. Yo creo que si el sueldo de un hombre es mayor que el de una mujer, es porque muchas veces la mujer decide trabajar media jornada, por ejemplo. No creo que sea porque, porque...por el puro hecho de que sea hombre o mujer le van a pagar el mes a la mujer.” (E2, Alberto)

Alguns homens entrevistados disseram que o Chile apresenta elevados níveis de discriminação contra minorias sexuais e que isso constitui uma violação dos direitos humanos fundamentais. Ao mesmo tempo, vários entrevistados partilharam opiniões homofóbicas e se contradisseram frequentemente durante as entrevistas.

“Sou um defensor das uniões... realmente, o que não sei é porque os homossexuais querem casar” – Diego⁹

⁹ “Yo soy partidario de las uniones...es decir, lo que no sé es por qué los homosexuales quieren casarse digamos” (E5, II, 274, Diego)

Embora os parceiros e psicólogos entrevistados estivessem envolvidos em profissões relacionadas ao cuidado, as suas perspectivas sobre equidade de gênero também eram irregulares, parecendo que estavam em transição, uma vez que havia elementos do seu discurso que pareciam equitativos de gênero e outros que estavam presos a um sistema patriarcal dominante. Ao mesmo tempo, eles também desejavam reconhecimento do governo sobre os seus papéis como pais.

Políticas Chilenas

No Chile, após uma separação, a custódia é automaticamente concedida à mãe. Para muitos dos entrevistados, esta é uma prática injusta que deve ser reavaliada, dado que os homens estão se tornando pais muito mais envolvidos. Alguns destes homens que manifestavam atitudes equitativas de gênero consideravam que os homens sofrem discriminação no que diz respeito à paternidade, e que para alcançar a verdadeira mudança, deveria haver um modelo de custódia partilhada entre ambos os parceiros no caso de separação.

“Porque a verdade é que eu não sei por que as mães devem ter prioridade quando se trata de crianças e não o pai; eu sou tão bom pai quanto a mãe é para meus filhos.” – Gonzalo¹⁰

Em geral, os entrevistados relataram que prefeririam que a licença de paternidade fosse prolongada, uma vez que iria possibilitar mais empenho na parentalidade e na paternidade, proporcionar uma melhor ligação com os seus filhos e conscientizá-los da carga de trabalho que as mulheres têm no ambiente doméstico.

“Eu acho que se deveria obrigar os homens a tirar 6 semanas [licença]. Não acho que a mulher ligue se o homem as tirar. Eu creio que se o homem não as tirar, essas 6 semanas se perdem [se deveriam perder]” – Matias¹¹

Alguns salientaram que mesmo se houvesse mais medidas e ações para encorajar o envolvimento paterno, a situação não mudaria radicalmente porque o problema não são os empregadores, mas os trabalhadores. Alegaram que uma forte cultura machista como a do Chile torna difícil que os homens se libertem da mentalidade que considera que cuidar de crianças deveria estar nas mãos das mulheres – mesmo que a licença de paternidade fosse implementada institucionalmente. Romper com estas normas exigiria não apenas uma mudança de política, mas também uma mudança cultural.

Reflexões

Em conclusão, embora os homens na amostra chilena tenham revelado práticas consistentes de cuidado, a maioria dos seus discursos nem sempre eram equitativos de gênero. Um número reduzido de entrevistados mostrou coerência entre o envolvimento em práticas de cuidado e discursos equitativos de gênero. No entanto, foram observados vários antecedentes que podem explicar as práticas de cuidado e discursos de gênero equitativos. Para alguns, foram grandes acontecimentos na vida, enquanto que, para outros, foi o fato de ter sido educado em famílias que os socializaram na realização de tarefas domésticas e de cuidado. Esse dado ofereceu algumas sugestões de mudanças que poderão ser exigidas – desde mudanças na socialização precoce das crianças até mudanças mais amplas, nas normas sociais ou nas políticas públicas – para se conseguir um maior envolvimento dos homens na prestação do cuidado.

¹⁰ “Porque la verdad yo no sé por qué los hijos deberían tener una prioridad con la madre y no con el padre; es decir, yo te digo, yo soy tan buen padre como lo es la madre, que tienen mis hijos” (E1,II, 131 Gonzalo)

¹¹ “Yo creo que se debería obligar al hombre a tomarse 6 semanas. No opino que la mujer vea si el hombre lo toma, yo creo que si el hombre no lo toma, esas 6 semanas se pierdan [se deberían perder]” (E38, 136 Matías)

Homens que Cuidam: Índia

C. ÍNDIA



Um Estudo de Homens em Papéis Alternativos e Profissões de Cuidado

Por Abhijit Das, Satish Singh, Anand Pawar e Manodeep Guha

INFORMAÇÃO GERAL DO PAÍS

Políticas que favorecem a participação dos homens no Cuidado

- A Índia prevê 15 dias de licença de paternidade para os funcionários do Governo Central com menos de dois filhos dependentes. Muitos estados ofereceram disposições semelhantes para seus empregados; e o Reserve Bank da Índia e algumas empresas privadas também prorrogaram a licença de paternidade em caso de adoção.
- Uma das únicas políticas nacionais que aborda o papel dos homens nas famílias e como pais é o Projeto de Saúde Reprodutiva e Infantil 2, do Ministério da Saúde e Segurança Social do Governo da Índia (2004), que afirma que os homens devem estar envolvidos na saúde da criança e da família. A mais recente versão desta política não menciona homens como aliados na saúde da mulher ou das crianças.

O ESTUDO DA ÍNDIA

Estudo Demográfico

O estudo incluiu 19 homens que foram propositalmente selecionados de Deli, Lucknow (UttarPradesh) e Pune (Maharashtra), provenientes de diversos quadrantes. A maioria veio de zonas urbanas ou semi-urbanas, enquanto um era de zona rural. Em termos de instrução, 15 eram universitários e alguns tinham experiência profissional em direito, engenharia e jornalismo. A maioria dos participantes era predominantemente da casta alta Hindu, enquanto três eram muçulmanos. Metade dos participantes tinha entre 30 e 50 anos de idade, sendo que todos os participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e os 61 anos. As entrevistas foram conduzidas em Inglês, Hindi e Marathi. A codificação inicial e análise foram conduzidas na língua da entrevista.

# dos Homens	Cuidado não tradicional ou função profissional
7	Cuidadores Primários
5	Ativistas Sociais/Trabalhadores de ONG
2	Enfermeiros
2	Dançarinos Profissionais
1	Alfaiate numa boutique (propriedade de uma mulher)
1	Proprietário de um ginásio feminino
1	Artista Mehendi (pintura de mãos de mulheres)

Total de entrevistados: 19 homens

As Práticas dos Homens no Trabalho relacionado ao Cuidado

Cuidar e Outras Profissões Alternativas

Todos os cuidadores profissionais deste estudo ocupavam posições às quais o homem Indiano “médio” não aspira (e nem é esperado), e descreveram suas experiências em termos de como outros viam os seus papéis alternativos. Um dos dois enfermeiros descreveu a sua escolha de carreira como algo comum no seu estado de Kerala, um caminho escolhido pelo seu potencial internacional de oportunidades de carreira. No entanto, sentia ser frequentemente tratado de maneira desigual em relação às enfermeiras por lhe serem dadas mais horas de trabalho, ou trabalho fisicamente mais exigente. Este sentimento de “fora do lugar” foi também compartilhado pelo segundo enfermeiro:

“Enfermeiros homens sentem-se um pouco desconfortáveis. A profissão de enfermagem é 90% de mulheres. É um pouco difícil para os homens se ajustarem (a) ela.”

O alfaiate compartilhava a mesma sensação de desconforto. Ele havia sido primeiramente alfaiate de homens, mas depois teve que trabalhar numa boutique, propriedade de uma mulher devido à falta de outras oportunidades de emprego. Ele relatou, sem entusiasmo:

“Falando de interesse, não existe nenhum, muitas vezes sinto-me posto à parte, mas como aprendi este trabalho, eu tenho que fazer este trabalho.”

O artista mehendi (pintor de mãos de mulher) relatou que embora goste do seu trabalho, é relutante em compartilhar o que faz com os amigos. Enquanto estudante, disse que preferia uma profissão mais “viril” no futuro, sem abandonar o seu amor pelos desenhos de pasta de hena nas mãos de mulheres.

Os dois dançarinos neste estudo têm enfrentado desafios desde a infância devido ao seu interesse não convencional pela dança, bem como por opções de emprego limitadas; um deles teve que assumir um segundo emprego para complementar o seu rendimento reduzido. No entanto, essas dificuldades não foram suficientes para obrigá-los a abandonar a profissão de dançarino e um dos dançarinos verificou que os seus relacionamentos positivos fora da família lhe proporcionaram um inestimável apoio social. Outro entrevistado que administrava uma casa para crianças resgatadas sentiu que inicialmente os seus pares não aceitavam a sua profissão. Seus amigos o ridicularizavam por ele realizar todas as tarefas domésticas, como cozinhar, limpar, dar banho nas crianças, lavar roupa e cuidar delas em situações de doença. Seus amigos diziam:

“Qual o problema com você irmão, agora se tornou uma mãe de doze crianças? Se há mulheres ao redor porque você precisa cozinhar?”

No entanto, seus amigos finalmente vieram a aceitar e até mesmo apreciar a sua escolha de se tornar um cuidador profissional. Outros entrevistados assinalaram também esta passagem do deboche à aceitação, apreço e respeito. Um jornalista que advoga pela inclusão de questões relacionadas com mulheres em seu jornal descreveu como ele aos poucos foi se tornando uma pessoa capacitada para seus colegas e mais tarde um modelo a seguir quando ganhou uma prestigiosa bolsa de estudos por seus artigos. Do mesmo modo, as mesmas pessoas que fizeram comentários sarcásticos para com um dos dançarinos deste estudo, agora lhe pediam para atuar na Durga puja local (um festival religioso).

Cuidadores Profissionais e Cuidado no Lar

Os entrevistados que eram cuidadores em casa, geralmente não descrevem essa atividade como uma tarefa desagradável. Um homem que cuidava de sua mulher paralisada costumava cuidar de seus irmãos mais novos, cozinhando e ajudando as suas irmãs a pentear seus cabelos (isto após seu pai abandonar o lar, deixando sua mãe assumir o sustento da família). Outro entrevistado, que assumiu tanto as responsabilidades profissionais e como as de cuidado por causa das viagens de trabalho de sua esposa, disse que mesmo quando ela estava em casa, ele partilhava a maioria das tarefas domésticas, incluindo cozinhar. Não acreditava que cuidar de sua filha e partilhar responsabilidades com sua esposa fosse algo fora do comum.

Dois outros entrevistados cuidadores primários dos filhos, que eram engenheiros de profissão, disseram que aplicavam muitas das suas qualificações profissionais para trabalhos domésticos, como limpeza de utensílios, manutenção da cozinha e limpeza dos móveis. Um deles observou a dificuldade de equilibrar as suas três responsabilidades: profissional, pai solteiro e ativista político. No entanto, ele não via suas lutas como sendo especiais porque as mulheres contrabalançavam tais responsabilidades o tempo todo:

“Eu não quero qualquer simpatia do mundo como pai solteiro; eu acho que é injusto. Como eu disse, você sabe que as mulheres o fazem o tempo todo... Quero proteger meu filho de ser uma peça de exposição... Que faz parte desta coisa estranha: pai solteiro, filho único...”

Os homens entrevistados tinham diferentes atitudes perante o uso da violência no lar. Um respondente afirmou que, embora ele rejeitasse a noção de violência pública (usar castigos corporais fora de casa), ele não iria parar de bater no seu sobrinho se ele achasse que a criança estava sendo “pouco razoável”. Um dos enfermeiros também justificou o uso de violência contra sua irmã se ela estivesse namorando um “malandro”. Se ele a advertisse e mesmo assim ela não obedecesse, não teria outra opção a não ser bater nela por não obedecê-lo. Um pai solteiro explicou as fronteiras aceitáveis e inaceitáveis da violência de forma metafórica:

“...Você quase dá liberdade lentamente. Quero dizer, ele vai manipular o quanto for necessário . A criança nunca deve sentir que tem as rédeas ou a corda longa. Você deve manter a corda na sua mão. Se a corda for muito longa ... (ela) muda em diferentes situações.”

Quase todos os homens entrevistados sentiam uma sensação de isolamento na carreira escolhida. No entanto, sentiam-se apaixonados e ligados a estas atividades, embora o alfaiate assumisse que a falta de oportunidade econômica o forçou a ocupar sua posição atual. Apoio e aceitação junto de amigos e familiares também parecem influenciar positivamente as experiências dos homens; quase nenhum transmitiu uma sensação de abatimento ou falha.

Relacionamentos com as Parceiras e Dinâmica Familiar

Seis dos 19 entrevistados não eram casados; um era viúvo e outro estava divorciado. Dos homens casados, dois disseram que tinham casado fora da sua casta, ou tiveram dificuldades em convencer as famílias sobre a escolha de sua parceira. Para outros dois homens, tanto o entrevistado como a sua esposa trabalhavam em ONGs sobre questões de justiça social. Estes dois homens disseram que partilhavam o trabalho doméstico com a sua parceira e não acreditavam, como outros diziam deles, que isso os tornava especiais.

Outros dois homens eram cuidadores primários das cônjuges, que eram severamente incapacitadas. Enquanto familiares e amigos encorajavam ativamente esses homens a voltarem a casar, ambos disseram que sentiam que sua responsabilidade primordial era com sua esposa e filhos. Apesar disto, o compromisso com as suas cônjuges era um desafio. Um entrevistado disse que era difícil fazer sua filha aceitar a deficiência de sua mãe como parte da vida cotidiana. Outro homem que cuidava da esposa paralisada há muitos anos sentiu-se incapaz de oferecer um melhor nível de cuidado aos seus filhos, mas que isso não era suficiente para fazê-los considerar expor seus filhos a uma madrasta. Embora ele descrevesse uma devoção amorosa pela sua esposa, a justificativa dada para continuar casado estava mais relacionada com o fato de ser um pai envolvido que percorria grandes distâncias para proporcionar uma infância positiva para seus filhos do que com o fato de ser um marido que fornecia cuidados extraordinários e dedicados à sua esposa.

O grau de intimidade sexual partilhada entre parceiros também era afetado pelas escolhas relacionadas ao cuidado. O entrevistado que cuidava da mulher paralisada admitiu que sua vida sexual tinha sido afetada devido à doença dela. Outro entrevistado que cuidava de dois pais idosos achava que ele e sua esposa não passavam tanto tempo sozinhos como ele gostaria, e que a falta de intimidade, por vezes, criava tensões entre eles. No entanto, relatou que compreender a situação e falar abertamente do assunto ajudava a atenuá-lo.



Fotografia por Richard Lewison

A importância do afeto surgiu claramente em outros casos. Em um caso, o entrevistado tinha um casamento por “amor” (em oposição a um casamento combinado) e continuava a ter uma relação próxima com sua esposa. Ele disse se sentir orgulhoso por eles compartilharem o mesmo interesse profissional relacionado à educação física, dizendo que ela trabalhava como sua treinadora assistente. Mas ter tido um casamento intercasta também criou uma relação adversa com a família de sua esposa. Embora admitisse que ela tivesse plenos direitos para manter uma relação com a sua família, ele muitas vezes a impediu que eles os visitassem. Outro entrevistado, que acreditava firmemente na equidade de gênero, percebeu a necessidade e limitações para casais jovens do meio rural em famílias mistas (gerações da família vivendo sob o mesmo teto) desenvolverem relações íntimas onde existe uma estrita segregação sexual e poucas oportunidades de manifestar carinho. A preocupação intelectual por afeto também o fez preocupar-se com a forma como expressava afeto pela sua própria esposa.

Por último, o apoio familiar emergiu como um fator importante que sustentou a escolha de um entrevistado em se tornar um cuidador primário após passar por um tratamento para o alcoolismo. Ele disse que a aceitação de sua esposa e filha do seu papel como cuidador do lar não só lhe dava força para assumir estas atividades, mas também o mantinha afastado de seu antigo vício.

Em geral, os homens entrevistados demonstraram um alto nível de devoção, respeito e carinho quando se referiam aos seus parceiros íntimos. Esta afeição aparentemente lhes permitiu superar os obstáculos, tais como a falta de apoio da família e da sociedade para o seu papel enquanto cuidadores (e também em relação aos casamentos intercastas). No entanto, essas relações, como quaisquer outras, apresentavam dificuldades porque os homens se ressentiam em relação à mudança de papéis, à falta de intimidade sexual e continuavam a exercer controle sobre o lar.

As Experiências de Infância dos Homens e Caminhos para o Cuidado

Os entrevistados se tornaram homens envolvidos em tarefas de cuidado e chegaram às suas atuais situações profissionais por caminhos que envolveram escolha, luta e condições de vida. Dois homens escolheram tornar-se cuidadores primários porque consideravam ser o mais lógico. Tal como referido acima, um engenheiro tornou-se cuidador primário após seu tratamento e reabilitação do alcoolismo:

*“Eu conscientemente decidi assumir as tarefas da casa...
Adoro fazer as coisas que faço.”*

Para o outro entrevistado, foi uma escolha pragmática. Sua esposa geria uma ONG e viajava muito e ele optou por tornar-se a pessoa que ficava em casa.

Para outros cuidadores, não havia opções. Dois foram forçados a tornar-se cuidadores pela deficiência de seus cônjuges. Dois outros cuidadores zelavam por seus pais idosos – um papel que muitas vezes recai sobre o filho. No caso dos dois pais solteiros (um era viúvo e o outro divorciado) as histórias eram uma mistura entre escolha e fato consumado. O pai divorciado não se questionava se pediria ou não a guarda do filho:

“Eu não senti um desafio principalmente porque desde o dia em que ele (seu filho) nasceu eu era um parceiro igual na sua educação.”

Para os dois enfermeiros, os caminhos para a sua profissão foram notavelmente diferentes. Para o homem de Kerala, a enfermagem era vista como uma profissão desejável e ele foi pressionado pelos seus amigos e família para exercê-las. Para outro entrevistado, o pai sugeriu que se tornasse enfermeiro após suas primeiras incursões em pequenos negócios terem falhado.

Um aspecto interessante entre a maioria dos participantes era a limitada, ausente ou até mesmo negativa influência dos seus próprios pais. Alguns pais dos entrevistados haviam morrido, deixado a família, ou vivido longe de casa durante longos períodos, quando jovens. Outros disseram que seus pais costumavam usar violência física e lhes batiam, bem como em suas mães. Um dos dançarinos descreveu um pai particularmente violento que não apoiava sua paixão pela dança e o ameaçou:

“Se você for (à aula de dança) amanhã eu vou quebrar suas pernas.”

No entanto, mesmo aqueles que mencionaram boas relações com seus pais consideravam-se muito mais perto emocionalmente de suas mães do que deles. Na verdade, quase todos os respondentes lembravam as relações com suas mães como sendo de simpatia e admiração – uma ligação emocional em que se sentiam mais à vontade para dialogar do que a que tinham com suas parceiras. Um dos entrevistados descreveu uma relação próxima com sua madrasta que o educou após seus pais terem morrido, enquanto outro homem admirava sua mãe por ter múltiplas responsabilidades, depois de seu pai se ter tornado um asceta e ter perdido o interesse nas responsabilidades familiares. Outro homem afirmou não ter percebido o papel desempenhado por sua mãe em educar a família até anos mais tarde:

“Em determinado momento, meu pai não tinha emprego em Allahabad. E a casa era gerida com a pensão de meu avô e o salário de minha mãe. Então ela era quem sustentava realmente de muitas maneiras... Ela nunca deixou que isso fosse conhecido... que ela estava vestindo as calças durante esse tempo. A condição de meu pai na família nunca baixou um bocadinho.”

Alguns entrevistados partilham histórias de antagonismo social durante a infância e juventude que parecem ter influenciado suas atitudes posteriores voltadas para o cuidado. Um entrevistado muçulmano descreveu uma

sensação intensa de insegurança vivendo numa atmosfera agressiva motivada por tumultos religiosos. Algo semelhante foi revelado por outro entrevistado, um Brahmin (casta alta), que descreveu ter sido espancado pelo pai por comer com um amigo Chamar (casta baixa). Um terceiro entrevistado contou que a irmã de um amigo seu foi queimada viva quando ele estava no colégio. Para estes entrevistados, essas experiências passadas foram chocantes e traumáticas, mas também serviram como parte da sua motivação para serem diferentes dos outros homens.

Atitudes relacionadas com questões de Gênero e Cuidado

As conversas com os 19 homens revelaram que as suas atitudes, em geral, confirmam as normas de gênero existentes, mas ficaram também claros os casos de confusão, dualidades, alternativas, crenças e práticas fundamentadas. Um dos entrevistados que não gosta de ser chamado de enfermeiro disse:

“As pessoas que recebem esse título são senhoras enfermeiras num hospital... Nós somos homens e somos chamados de irmãos.”

Ele também não se via como um cuidador, mas como um ajudante. O artista mehendi não só amava fazer mehendi e rangoli (pinturas decorativas tradicionais desenhadas no chão), mas também gostava de usar brincos, pulseiras e dançar. Ao mesmo tempo, ele aspirava a assumir uma profissão viril, e revelava a sua confusão em torno da igualdade de gênero:

“Toda mulher deveria ser independente, de modo que se ela tiver que viver sozinha, ela não precise mendigar dinheiro a ninguém.”

Ao mesmo tempo, acreditava que:

“Está certo bater em mulheres se elas não seguirem as regras estabelecidas pela sociedade ou se fizerem algo que não é aceito pela sociedade.”

Os dançarinos no estudo não consideravam dançar uma vocação feminina, sendo que um deles utilizou o deus da mitologia Hindu, Shiva, como seu exemplo ou referência. Ele não gostava de interpretar papéis femininos (representando deusas), mas gostava de performances baseadas em Shiva e admirava sua imagem masculina:

“Não ponho maquiagem. Eu não uso pó de talco e outras coisas semelhantes. Mas coloco muito kohl (um cosmético para escurecer a pálpebra) para que as pessoas possam ver à distância. Eles têm de ver isso... A minha expressão. Para mostrar a minha expressão eu coloco uma camada espessa de kohl. Nem batom, nem brincos, nenhuma dessas coisas. Sem joias, eu não uso joias. Eu uso muitos cordões de rudraksha (cordões tradicionais). Muitos rudraksha e

tento usar apenas um dhoti simples (vestido tradicional de homem). Dhoti branco ou dhoti vermelho ou amarelo, para que eu pareça um homem. Porque acho que quando as pessoas olham para mim, devem ver o corpo de um homem."

A mesma preocupação com o corpo foi encontrada no entrevistado que geria uma academia para mulheres. Ele sentia uma grande satisfação em trabalhar com os meninos que o viam como um modelo e que queriam desenvolver um físico muscular semelhante. Ele estava muito empenhado em desenvolver os músculos nos alunos – incluindo com recurso a esteróides, embora estivesse consciente de que são prejudiciais. Estava também preocupado com a preparação física das mulheres e acreditava que a “força do corpo” as ajudaria a proteger da violência.

Muitos dos participantes que estavam associados a ONGs de defesa da igualdade social eram equitativos de gênero nas suas atitudes. Dois homens afirmaram ter especificamente estudado questões relacionadas à mulher e eram articulados para falar do estatuto social da mulher e sobre patriarcado. Muitos membros deste grupo equitativo diziam fazer serviços domésticos como cozinhar e cuidar dos filhos.

Durante as entrevistas, muitos dos entrevistados falaram longamente sobre seus relacionamentos com sobrinhos/sobrinhas, como se isso oferecesse uma janela interessante para seus comportamentos e papéis de cuidador. Um dos cuidadores mencionou que passar tempo com sua filha era uma espécie de rejuvenescimento após um longo dia de trabalho.

Quatro dos seis participantes que foram selecionados pelo seu envolvimento em profissões alternativas deixaram vislumbrar que cuidavam dos jovens na sua família. Por exemplo, o proprietário da academia, que acreditava na virtude da força física, também emergiu como um pai carinhoso da sua filha de nove meses de idade, afirmando que lhe dava banho, alimentava e também tomava conta dela quando estava doente:

“Quando ela está doente e não dorme, eu fico acordado a noite toda com ela deitada no meu colo.”

Além disso, ambos os dançarinos do estudo estiveram envolvidos no cuidado de seus sobrinhos e sobrinhas. Um deles passou muito tempo com as suas sobrinhas ensinando-lhes arte e dança, enquanto o outro mencionou ajudar a dar banho, vestir e até trocar as fraldas do seu sobrinho, quando ele estava em casa.

Reflexões

Apesar da esmagadora influência do patriarcado sobre os homens na Índia, este estudo revela que os homens podem e conseguem se envolver no cuidado e em práticas profissionais não tradicionais. À luz

disto, a análise dos papéis profissionais não tradicionais relacionados com o cuidado revelou uma interessante diversidade de normas de gênero, práticas e perspectivas atípicas.

Enquanto os entrevistados foram escolhidos de acordo com categorias distintas pré-identificadas (homens que cuidam em casa, homens em profissões de cuidado e homens em profissões não tradicionais, mas não de cuidado), as entrevistas revelaram que as práticas dos homens se sobrepunham de diversas maneiras. Muitos cuidadores domésticos estavam também associados a organizações sociais, quer diretamente quer através de outros membros da família. Muitos dos que foram inicialmente recrutados para este estudo pelo seu trabalho social eram também cuidadores ativos em casa. Mais tarde, durante a análise, verificou-se que mesmo aqueles que não foram recrutados por seus papéis de cuidado tinham fortes propensões para cuidar das crianças nas suas famílias, reforçando o traço comum do cuidar em todo o grupo de estudo.

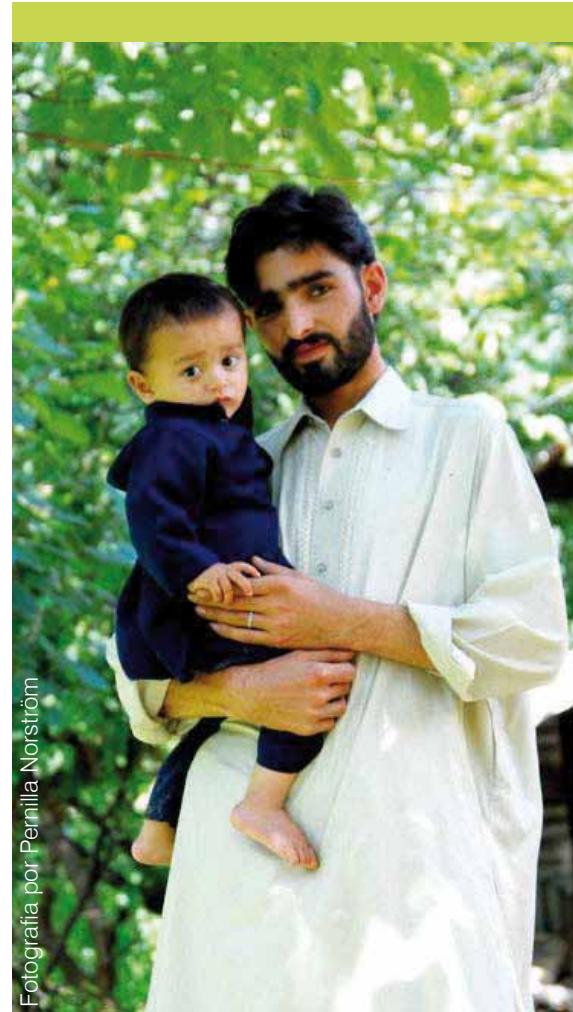
Enquanto experiências adversas de vida foram comuns a muitas das histórias de vida, o sentido da superação destes desafios era o que mantinha muitos destes homens nesta condição. O engenheiro, que também era pai solteiro, descreveu sua decisão de se tornar um cuidador primário como uma forma de se rebelar semelhante à maneira como ele reagiu na escola:

“A revolta em casa era igual a uma guerrilha. Então, se esperavam que eu me levantasse de manhã, eu podia sentar e dormir, tá bom.... Esperavam que eu trabalhasse à noite, eu ia ler livros de histórias. Eu me sentava muito frequentemente no último banco e ia ler os livros de histórias, não perturbava a classe.”

Outros também tiveram seus próprios atos de rebeldia contra restrições sociais. O proprietário da academia tinha um casamento intercasta, um gesto de resistência significativo no norte da Índia; outro entrevistado abandonou seus estudos para seguir carreira como vendedor e, posteriormente fazer um mestrado. Outros dois afirmaram não ter parado de se relacionar com indivíduos de castas inferiores, apesar dos espancamentos e advertências que receberam na infância ou o medo de ameaça religiosa.

Paixão foi outro tema que surgiu nas várias descrições: desde o empenho pela musculação e condicionamento físico, até a paixão pela dança. Mesmo para os dois engenheiros, a ideia de paixão também é transmitida quando um deles afirmou que aplicava técnicas aprendidas na formação profissional nas suas tarefas de cuidado, “lugar para tudo e tudo no lugar”.

Outro tema que apareceu constantemente em várias narrativas foi o da “moral” ou de um enquadramento ideológico. Alguns descreveram suas ideologias se referindo explicitamente a pensadores políticos. Citaram teorias de pensadores aclamados como George Bernard Shaw, Marx, Engels e Gandhi. Outros disseram retirar inspiração de fontes



localmente relevantes, como Sane Guruji (um reformador social do século 19 de Maharashtra), da poesia de Roomi (um muçulmano místico da tradição Sufi) e Meera's bhajans (cânticos religiosos) bem como cânticos religiosos e séries televisivas. Alguns referiram ter interações com organizações de juventude incluindo o RSS (uma organização social religiosa hindu) e o NCC (uma organização de juventude para promoção da cidadania). Foi, no entanto, notado que a questão da ancoragem moral também não transmitia um sentido de chauvinismo cultural ou de gênero em nenhum dos indivíduos.

Todos estes temas – e outros ainda a serem identificados – surgiram como fatores que facilitam o envolvimento dos homens em papéis de gênero alternativos, mesmo em contexto onde há presença esmagadora de um padrão de masculinidade hegemônico, como o sistema patriarcal vigente na Índia.

Homens que Cuidam: México

D. MÉXICO

Um Estudo de Caso de Homens que se Envolvem em Atividades e Práticas de Cuidado

Por Juan Guillermo Figueroa e Natalia Flores¹

INFORMAÇÃO GERAL DO PAÍS

Políticas que favorecem o envolvimento dos homens no Cuidado

- A Cidade do México aprovou uma lei municipal em 2008 garantindo 10 dias de licença de paternidade remunerada.
- Não existe uma legislação nacional ou política de licenças de paternidade ou quaisquer outras políticas nacionais que promovam a paternidade envolvida. Os principais empregadores continuam, em grande parte, a opor-se à licença paternidade.

O ESTUDO DO MÉXICO

Estudo Demográfico

Este estudo analisa os dados de dois grupos distintos de cuidadores, com a participação total de 16 entrevistados. O primeiro grupo de homens estava envolvido em atividades de cuidado dentro da casa. Este grupo incluía pais divorciados que ficavam em casa com seus filhos, viúvos em situações semelhantes, pais cujas parceiras trabalham fora de casa e filhos únicos que cuidavam de pais idosos. O segundo grupo era constituído por homens que trabalhavam como profissionais cuidadores: professores do ensino fundamental, supervisores de creches e enfermeiros. Os participantes tinham idades entre 19 e 58 anos e tinham diversos níveis educacionais; o menor nível de escolaridade de um participante era o ensino fundamental, enquanto os mais escolarizados tinham graus acadêmicos em educação e enfermagem. Dois participantes eram viúvos, quatro eram solteiros, seis eram casados e quatro, divorciados. Todas as entrevistas ocorreram na Cidade do México, Celaya (Guanajuato), ou em Cuernavaca (Morelos).

# do Homens	Papel Primário de Cuidado
9	Cuidadores Principais dos filhos ou parentes idosos
3	Enfermeiros
2	Professores de música
2	Diretores de Escola

Total de entrevistados: 16 Homens

¹ Agradecimento especial a Josefina Franzoni pelo desenvolvimento, transcrição e codificação preliminar das entrevistas qualitativas.

Fotografia por David Isaksson

Práticas de Cuidado dos Homens

Para os homens entrevistados no México, cuidar tanto em casa quanto no nível profissional lhes permitia romper com as normas tradicionais, o que muitos consideravam pessoalmente gratificante. Descrições dos participantes sobre seus trabalhos relacionados com o cuidado forneceram percepções sobre os benefícios, bem como os desafios de realizar o trabalho de cuidar, como homens.

Homens em Cenários Profissionais de Trabalho relacionado ao Cuidado

Os profissionais entrevistados desempenhavam atividades relacionadas ao cuidado de outros, principalmente como enfermeiros ou professores. A feminização das profissões não está relacionada unicamente à sua composição de gênero, mas também às características sociais geralmente atribuídas às mulheres: ternura, sensibilidade, paciência, capacidade de seguir instruções e receber ordens. Muitos dos homens envolvidos em profissões de cuidado sentiam uma intimidade emocional com a sua linha de trabalho e descreviam prazer em oferecer ajuda e apoio aos outros.

² **Entrevistador:** ¿Qué satisfacciones te ofrece el trabajo de enfermero?

Jorge: Es ayudar. Que nos necesitan al momento, ya que a veces es muy bueno sentir el reflejo de tu trabajo, porque a veces es muy satisfactorio que el paciente te diga “gracias”, que esté bien gracias a ti.

Entrevistador: Em que ser enfermeiro te satisfaz?

Jorge: É ajudar. Eles (os pacientes) precisam de nós naquele momento, sentir o bem que você faz é refletido para você; às vezes é gratificante ouvir um paciente dizer “obrigado” e saber que eles estão bem por sua causa.²

Esta ideia arraigada da satisfação pessoal no trabalho era especialmente significativa para Fernando, que mencionou que o contato que tem com os pacientes é mais importante do que a remuneração econômica e o prestígio do exercício da profissão como enfermeiro. No entanto, as qualificações profissionais não eram suficientes para estabelecer relacionamentos de confiança. Jorge referiu:

³ Yo siempre he tratado mi trabajo con una seriedad y con una actitud mejor, y más que nada que me vean como su amigo y que vean que en ti pueden confiar por si tienen algún problema ... yo platicaba con ellos y eso hacía confianza, mucha confianza... Entonces yo les explico varios sistemas y siempre les explico en beneficio de su familia para que ellos se sientan más tranquilos y ganarme la confianza del familiar. – Jorge

Eu sempre encarei o meu trabalho com seriedade, como uma melhor atitude, e mais do que qualquer outra coisa, eu quero que [os pacientes] me vejam como um amigo, e como alguém em quem podem confiar se tiverem um problema... Eu converso com eles, o que gera confiança, muita confiança... Eu explico [às famílias] os diversos sistemas [corporais], sempre para [seu] benefício, para que elas se sintam mais calmas e confiem em mim.” – Jorge³

No entanto, embora muitos cuidadores profissionais descrevam os benefícios de estarem nesta linha profissional, em muitos casos os homens não tinham qualquer contato direto com as pessoas que recebem o cuidado (por exemplo, crianças e pacientes). Nestes casos, “cuidar” era referido como melhorar as práticas organizacionais através de transformação e inovação. Nesse sentido, os entrevistados integravam estas práticas num quadro de profissionalização que exigia que o trabalho de cuidar fosse realizado com eficiência, rentabilidade e sustentabilidade.

Cuidador no Lar

Para os cuidadores no lar, a maioria teve de assumir papéis duplos (provedor e cuidador) devido à ausência de um parceiro. Em outras palavras, o papel de cuidar em casa veio para eles através de circunstâncias da vida e não como algo que eles procuraram por causa de uma crença em relacionamentos de gênero equitativos. A maioria dos cuidadores primários neste grupo dedicava mais tempo a cuidar do que em tarefas domésticas como lavar, passar e cozinhar – um tema comum neste grupo. Alguns até decidiram contratar uma terceira pessoa em quem delegar estas atividades (ocorrência comum em famílias onde as mulheres também atuam como principais cuidadoras). Francisco descreveu suas funções como pai solteiro e como elas se superpunham - e não se sobrepunham - com a sua ajudante contratada:

“Assim, Pancho (seu filho) chegava e comia comigo. E se eu não gostasse da forma como as coisas lhe saíam em casa (à moça que ajudava a cozinhar) ia com Pancho a um restaurante. No início, Pancho se sentia muito sozinho, então eu o levava para o escritório até que ele começou a ter os amigos dele.” – Francisco⁴

Para manter os papéis coexistentes entre provedor e cuidador, alguns dos homens, como Francisco, tinham empregos que permitiam flexibilidade de horários, rotinas ou práticas como levar crianças ao trabalho, algo que as mulheres têm muitas vezes feito para realizar seus duplos papéis profissionais e domésticos:

“Trabalho em vendas, você pode ganhar o que quiser de acordo com a forma como você trabalha, além disso tenho um apartamento que alugo e sou solteiro... Aqui são meio descontraídos, eles abrem às 9h ou 9h30. Gostaria que eles abrissem às 7 da manhã, porque gostaria de terminar às 11 da manhã, mas, uma vez que abrem às 8h30 eu não termino antes do meio dia, 2 horas da tarde, ou 7, 8 horas da noite. Mas em geral, o trabalho corre rapidamente e tenho muito tempo livre.” – Paco⁵

O que mais se destacou nestas entrevistas foi o diálogo, comunicação, confiança e formas alternativas de ensino e disciplina que os homens descobriram enquanto envolvidos nestas práticas. Havia também uma sensação de preenchimento, semelhante à que muitos dos profissionais cuidadores sentiam em suas práticas, além da gratificação por estarem mais envolvidos emocionalmente com seus filhos:

Entrevistador: *Que tipo de conselhos você daria para os pais?*

Juan Antonio: *Que se envolvam. Sei tudo o que uma mulher faz, como homem é um pouco mais difícil, mas, sim, você consegue fazê-lo. Se envolva e diga às pessoas que não há nada de errado com o que você está fazendo. Quer dizer, tente se envolver da maneira que você possa.⁶*

Por outro lado, muitos entrevistados foram educados em normas mais tradicionais de gênero, e ensinados a manterem-se distantes e evitar falar

⁴ Entonces ya Pancho [su hijo] llegaba y comía conmigo. Y si no me gustaba mucho como le quedaban las cosas (a la muchacha que les ayudaba a cocinar) me iba con Pancho al restaurante. Al principio Pancho se sentía muy solo y me lo llevaba a la oficina, hasta que ya empezó a tener amigos. – Francisco

⁵ Yo ando en las ventas, entonces tu puedes ganar lo que quieras de acuerdo a lo que trabajes, además tengo una propiedad que rento y soy solo... Aquí son medio flojos, abren a las 9, 9.30. Yo quisiera que abrieran a las 7 de la mañana, porque quisiera terminar a las 11 de la mañana, pero entonces como abren a las 8.30 voy terminando a las 12 del día, 2 de la tarde, o 7 u 8 de la noche... Pero por lo general, mi trabajo es muy rapidito, tengo mucho tiempo libre... - Paco

⁶ **Entrevistador:** ¿Qué consejo le darías a los padres?

Juan Antonio: Involúcrate. Yo sé todo lo que hace una mujer, como hombre es un poquito más difícil pero sí puedes. Involúcrate y dile no tiene nada de malo que hagas eso o hagas aquello. Es decir, tratar de involucrarte por un ladito, por donde se pueda

sobre certos assuntos com seus filhos. Por exemplo, alguns dos homens discutiram as dificuldades em falar sobre fisiologia da mulher com seus filhos. Nesse sentido, parecia que existia uma ordem social que favorecia experiências partilhadas como uma forma única de entendimento: só as mulheres podem se comunicar com outras mulheres em circunstâncias específicas que as unam, como sua própria biologia. Independentemente, as experiências positivas de homens demonstraram como abordagens alternativas para o cuidado podem superar estes desafios.

Em geral, a maioria dos homens entrevistados, especialmente os enfermeiros e cuidadores primários, enfatizaram a satisfação que sentiam como resultado de suas escolhas pessoais e profissionais. No entanto, os que ocupavam cargos mais altos nestas profissões descreveram que à medida que se destacavam num campo específico, suas interações com as pessoas de quem cuidavam diminuía, os afastando ainda mais dos aspectos não tradicionais do seu trabalho. Para cuidadores primários, havia um sentimento de satisfação, apesar dos obstáculos, em se envolver neste modelo alternativo de paternidade – um modelo que muitos associam com maternidade. Muitos homens se esforçavam por reorganizar horários de trabalho para acomodar esses duplos papéis, mas a sua responsabilidade muitas vezes parava na realização de tarefas domésticas, um tema que será explorado em seções posteriores.

Relacionamentos com as Parceiras e Dinâmica Familiar

Houve uma enorme diversidade entre os homens entrevistados em termos do seu estado civil e relações familiares que parecia mediar as distintas responsabilidades que os homens assumiam dentro de casa. Por exemplo, Jorge e Luis – que eram os mais jovens cuidadores profissionais entrevistados – estavam solteiros durante o processo de entrevista. Jorge, enfermeiro, estava morando com sua mãe e irmãos mais novos, a quem ele provia desde a mais tenra idade. Ser o filho mais velho em sua casa exigia que assumisse um papel mais tradicional de prover segurança econômica para sua família (na ausência de um pai estável) apesar de sua profissão de cuidador:

⁷ “Siempre desde niño era la decadencia del dinero, por eso mi mamá trabajaba y le daba gasto...Hasta la fecha todavía se sigue haciendo eso. Ahora que yo trabajo no le doy gasto. Lo que he optado es por comprarle cosas materiales porque mi mamá también hemos carecido de eso. He comprado refrigerador, estufa, igual arreglar la casa.

Desde que eu era garoto nunca tivemos dinheiro suficiente, assim, minha mãe estava sempre trabalhando e eu lhe dava despesa... Ela trabalha ainda até hoje. Agora que eu trabalho não dou despesa para ela. O que eu faço é lhe dar coisas materiais que também faltam. Comprei uma geladeira, um fogão, e também arranjei a casa. – Jorge⁷

A ausência de parceiras femininas muitas vezes desempenha um papel fundamental na vida dos cuidadores primários. Muitos homens entrevistados tiveram que assumir responsabilidades sem uma parceira, e foi a maneira como aprenderam a incorporar novas responsabilidades associadas com o cuidado em sua rotina diária. Por outro lado, para Rigoberto, um pai divorciado de dois filhos e um cuidador profissional, seu relacionamento difícil com sua ex-esposa o distanciou emocionalmente de seus filhos embora conservasse a responsabilidade de provedor:

“Minha família são meus filhos? Não, porque eu não os tenho debaixo do meu teto. Com toda a sinceridade, estão demasiado manipulados pela mãe... No que posso, eu tento mudar isso, mas dizer que eles são a minha família, não, nem um pouco. Na realidade, eles são meus filhos e eu tomo conta deles, mas eu não os considero como minha família principal.” – Rigoberto⁸

Em contraste, Fernando, um cuidador profissional, narrou um acordo distinto das responsabilidades relacionadas com a família: todas as tarefas domésticas, bem como o trabalho remunerado, eram divididos igualmente entre ele e sua esposa. Este sentido de responsabilidade partilhada também se estendeu ao cuidado com os filhos.

“Durante a noite estamos atentos a ela (sua filha), ou vamos lá verificar porque são uma, duas, três horas da manhã e ela está estudando, ou ela diz, “Pai, me leva para tal e tal museu” ou ela pergunta, “Pai, me leva para comprar esta coisa para este projeto...” – Fernando⁹

Para Sérgio, o único homem que partilhava responsabilidades domésticas com sua esposa no grupo dos cuidadores primários, existia outro ângulo para o trabalho de cuidado que é muitas vezes mais difícil de abordar. Ele sentia frustração pessoal devido ao seu desemprego:

“Sinto que, não sei se foi por sorte ou por minha vontade de fazer as coisas; as coisas ficaram melhores na minha vida pessoal, e não na profissional... o meu problema agora é que não há dinheiro. E você sabe que o dinheiro é fundamental... que é um problema para você, como pai, como chefe de família... emocionalmente lhe bate porque você se sente impotente, que não tem os recursos... uma parte de mim diz: “Hey, você está perdendo tempo aqui, ficando em casa, a cozinhar, você pode fazer um monte de coisas.” Assim, me faz sentir um pouco instável... me faz sentir mal.” – Sergio¹⁰

A descrição de Sergio sugere que é mais fácil para os homens incorporarem intimidade emocional e cuidar dos familiares como parte de suas identidades quando esta não implica também uma renúncia completa das suas responsabilidades econômicas como provedores. Deste estudo, ficou evidente que alguns homens ainda precisavam se identificar e ser reconhecidos como provedores. Também é possível que os homens estivessem dispostos a partilhar as responsabilidades econômicas com suas parceiras como fazem nas tarefas de cuidado, mas isso não pareceu ser válido se acontecesse uma troca total de responsabilidades no lar. A norma social que estabelece o trabalho doméstico como tarefa feminina poderia esclarecer as razões que fazem com que os homens se identifiquem mais com suas práticas relacionadas com a paternidade do que às de casa (ou atividades domésticas):

⁸ ¿Mi familia son mis hijos? No, porque no los tengo en mi mismo techo, sinceramente están demasiado pues manipulados por la mamá... yo en lo que cabe, en lo que puedo yo trato en realidad de modificarlo, pero decir que es mi familia no, para nada, en realidad son mis hijos y estoy velando por ellos pero no puedo considerar que sean mi familia primera, realmente no.

⁹ En la noche entonces nosotros pues estamos luego al pendiente de ella (su hija), o sea bajamos a verla porque luego son una, dos, tres de la mañana y ella está estudiando o este, “papá que llévame a tal museo” o que “papá llévame a comprar tal cosa para este trabajo...”

¹⁰ Yo siento que, no se sí por suerte o por empeño en hacer las cosas, me fue mejor en mi vida personal, afectiva, no en la profesional.... Mis problemas ahora son que no hay dinero. Y tu sabes que el dinero es básico... Eso es un problema tanto para ti como persona, como papá, como jefe de familia (...) Anímicamente te pega porque te sientes impotente de no tener los recursos (...) Una parte de mi me dice: “oye estás perdiendo el tiempo aquí, cocinando, puedes hacer muchas cosas, o estando en el hogar.” Entonces, si eso me toman un poquito de inestabilidad... me hace sentir mal ...

¹¹ **Sergio:** Yo nunca me metí a la cocina y ahora lo estoy haciendo. Claro que eso me averguenza. Hay veces que estoy haciendo las cosas (haz de cuenta que me pusiera en la puerta, que me saliera de mí) y me pregunto ¿cómo me verá la gente?

Entrevistador: ¿Cómo te verá la gente?, ¿en qué sentido?

Sergio: De preparar los alimentos.

Interviewer ¿Qué te dices a ti mismo?

Sergio: Tan bajo has caído, pero me digo, no, momento, alguien lo tiene que hacer...

Sergio: *Nunca me meti na cozinha e agora o estou fazendo. Claro que isso me deixa envergonhado. Existem momentos em que estou fazendo as coisas (faz de conta que me coloco na porta e saísse de mim) e eu me pergunto: 'Como as pessoas me veem?'*

Entrevistador: *Como as pessoas te veriam? Em que sentido?*

Sergio: *De estar preparando os alimentos.*

Entrevistador: *O que diz a você mesmo?*

Sergio: *Quão baixo você caiu, mas digo não, espere um instante, alguém tem de fazê-lo...¹¹*

A ligação entre relações íntimas entre parceiros e a divisão das tarefas domésticas é um processo complexo. Embora os homens compartilhem abertamente as suas experiências como cuidadores, muitos desses homens ainda consideram os afazeres domésticos como sendo responsabilidade da mulher. Conforme observado anteriormente, muitos dos homens cuidadores solteiros contratavam trabalhadores exteriores para realizar as tarefas domésticas diárias, enquanto assumiam papéis mais afetivos enquanto educadores e disciplinadores, bem como o papel de provedor. Estas entrevistas revelam a persistência de preconceitos e desigualdades no lar quando se refere às tarefas domésticas. Para aqueles que estavam desempregados, a pressão para cumprir seus papéis tradicionais como provedores econômicos era especialmente importante. É necessária mais investigação sobre este tema: como o desemprego e a instabilidade no emprego dificultam (ou facilitam) as práticas de cuidado dos homens.

As Experiências de Infância dos Homens e Caminhos para o Cuidado

A ligação entre as primeiras experiências de infância dos homens e suas práticas profissionais ou como cuidadores primários nem sempre foi linear e direta. Alguns dos homens entrevistados vieram de lares onde prevalecia a divisão tradicional do trabalho: o pai era o provedor, enquanto a mãe era a cuidadora. Outros eram responsáveis pelos afazeres domésticos, ou ajudar suas mães a cuidar das crianças mais novas desde muito cedo porque as circunstâncias exigiam que participassem nesta forma de trabalho.

A maioria dos entrevistados descreveu uma longa trajetória até a atividade profissional remunerada em que eles combinaram trabalho e estudo acadêmico desde o início. Para eles, as suas experiências e identidades como trabalhadores desenvolveu-se muito cedo, em simultâneo com a sua masculinidade. Jorge, por exemplo, declarou que desde a infância sua integração no mercado de trabalho foi uma decisão que tomou para não ser um fardo para sua família:

¹² Siempre he trabajado desde los 9 o 10 años, y nunca me ha faltado dinero en el bolsillo y es lo que no me ha sido falta, porque cuando tenía yo hambre compraba algo y me faltaba algo y compraba porque mi mamá decía que no tenía dinero...

Sempre trabalhei desde os 9 ou 10 anos, e nunca me faltou dinheiro no bolso, nem nunca me fez falta, porque quando eu tinha fome, comprava algo, e se me faltava algo, eu comprava, e comprava porque minha mãe me dizia que ela não tinha dinheiro... – Jorge¹²

As explicações que os homens davam quando lhes era perguntado como começaram a trabalhar como cuidadores profissionais eram diversas e dependiam da área de trabalho em que estavam envolvidos. Rigoberto, dono de um jardim de infância e de uma creche, explicou que decidiu investir seu dinheiro nesse empreendimento comercial porque sua ex-mulher recomendou fazê-lo.

Entrevistador: Como se envolveu neste trabalho, neste negócio?

Rigoberto: Bem, porque eu disse: “vamos iniciar um negócio” e ela disse “uma escola,” e disse, “Eu não sei nada sobre escolas, mas não tenho medo...” Tinha outro tipo de negócio em mente, nunca esse... Eu não sabia nada sobre escolas. Eu vinha de uma experiência profissional diferente, mas nós começamos...¹³

As experiências de Luis também refletem este tema recorrente da oportunidade e da influência de uma terceira pessoa na decisão de assumir o cuidado como uma profissão. Ele estava no seu primeiro ano de carreira como engenheiro químico quando sua tia lhe pediu para substituir um professor numa classe de 6 a 12 anos de idade por alguns meses. Ele se identificou com o ensino imediatamente e como resultado decidiu mudar de profissão. Muitas destas escolhas acidentais de aderir a uma profissão relacionada ao cuidado foram apresentadas como um desafio ao qual os respondentes acreditavam que “não podiam ter medo” e “tinham que ser ousados.” Estas capacidades podem estar relacionadas com uma construção de normas de gênero que forçam os homens a interpretar os seus esforços de aderir a profissões externas e femininas no âmbito de valores mais “masculinos” de coragem e bravura.

Da mesma forma, Fernando, um enfermeiro, não se referia ao ato de cuidar como uma motivação para trabalhar na sua profissão específica (embora ele dissesse que se sentia recompensado pela sua interação diária com os pacientes). Para ele, a enfermagem apresentou um caminho para ele estudar medicina, que foi seu primeiro interesse. Como tal, ele afirmou que acima de tudo gostava de ciências e foi esse interesse que o animou para se tornar enfermeiro e posteriormente ensinar outros.

Para a maioria dos participantes, a decisão de se envolver nas profissões de cuidado não criou tensões com os seus ideais normativos de gênero porque eles já se identificavam com as características masculinas associadas aos papéis de professores e enfermeiros. Outros fizeram o cuidado se encaixar em suas noções tradicionais sobre masculinidade: assumir a propriedade de uma creche como um “desafio” ou ousadia; cuidado como um modo de serem provedores; profissões de cuidar como espaços profissionais onde aprenderam ciência (enfermagem) e/ou assumiram a docência como um papel historicamente atribuído aos homens (Blazquez, 2010).*

Para cuidadores primários, as experiências do passado que levaram à sua atual situação eram menos motivadoras e como tal foram menos planejadas. Todos os homens entrevistados neste grupo, exceto um, eram cuidadores

¹³ **Entrevistador:** ¿Cómo fue que empezaste en este trabajo, en este negocio?

Rigoberto: Pues porque realmente dije “vamos a poner un negocio” y ella dijo “una escuela”, yo dije pues bueno no sé nada de escuelas pero pues no le tengo miedo (...) yo tenía otro tipo de negocio en mente, nunca esto (...) yo no sabía nada de escuelas pues yo venía de otra área pero le entramos...

* Teóricos como Nancy Chodorow (1978), Nancy Hartsock (1983) e Carol Gilligan (1993), entre outros, propuseram que a divisão sexual do trabalho tem um impacto distinto sobre o desenvolvimento das subjetividades e desenvolvimento humano em termos de autonomia e tomada de decisão moral.

solteiros. Muitos experimentaram uma ruptura com uma relação prévia que levou a uma reconfiguração de suas rotinas, espaços físicos e meios de convivência com seus dependentes. Os homens às vezes descreveram a separação dos parceiros como traumática, como aconteceu com Juan Antonio. Ele descreveu a separação da sua parceira como algo “terrível”, não só pelas dificuldades com a aprendizagem e desenvolvimento de novas competências, mas também por causa da dor emocional de viver sozinho:

¹⁴ **Entrevistador:** ¿Cuál es el evento más triste que te ha tocado vivir?

Juan Antonio: Ver a mis hijos sin madre. Lo peor, me hubiera gustado que hubieran seguido teniendo a su madre

Entrevistador: ¿Los viste tristes en algún momento?

Juan Antonio: Sí

Entrevistador: ¿Y qué hacías cuando los veías así?

Juan Antonio: Los sacaba a dar la vuelta, los llevaba a comprar un helado, una paleta, distraerlos (silencio).

Entrevistador: Qual é o evento mais triste que você viveu?

Juan Antonio: Ver meus filhos sem mãe. O pior é que eu teria gostado se pudessem continuar a ter a mãe.

Entrevistador: Já os viu tristes por vezes?

Juan Antonio: Sim.

Entrevistador: E o que fazia nesses momentos?

Juan Antonio: Eu os levava para passear, para comprar sorvete, doces para os distrair (silêncio).¹⁴

A separação entre parceiros foi, sem dúvida, muitas vezes um evento doloroso para toda a família. Apesar disso, é importante analisar porque a partida de um parceiro feminino permitiu ou estimulou alguns homens a assumir novas formas de paternidade. Foi através desses acontecimentos inesperados que eles foram capazes de desafiar pensamentos previamente estabelecidos em torno do papel dos homens nas famílias e sobre cuidar.

Atitudes relacionadas com questões de Gênero e Cuidado

Como descrito anteriormente, os homens refletiram sobre o seu próprio desconforto em áreas específicas de suas profissões relacionadas ao cuidado e em suas práticas domésticas como cuidadores. Mais frequentemente, esses desconfortos eram relacionados à forma como os outros os viam (por exemplo, homens num meio ambiente feminino ou assumindo papéis que são vistos como femininos). Estas percepções externas moldaram a forma como os homens se pensavam a si mesmos como cuidadores, colocando auto-limitações sobre o que podiam e não podiam fazer nestes papéis.

Um respondente, Luis, um professor, acreditava que os pais trazem consigo sua própria percepção dos papéis de gênero, assumindo que os homens são incapazes de cuidar de crianças pequenas. A sexualidade dos homens está também ligada a esta construção de atitudes de gênero, nas quais os homens são vistos como sendo conduzidos por impulsos sexuais perigosos. Luis expressou como ele costumava se sentir desconfortável com o contato físico com meninas no ambiente escolar:

Eu preferiria que pedissem a uma professora para levá-las no banheiro, especialmente as meninas. Também eu fiquei assustado porque como homem eu vejo meninas pequenas, é verdade, existem violações e tudo, mas ter contato com uma jovem que poderia deturpar a situação ... Eu tinha medo disso porque na escola onde eu

ensinava havia professores que tiveram problemas porque tinham tocado nas meninas das turmas primárias e secundárias em que ensinavam, mas não o fizeram com malícia (foi mal entendido).¹⁵

O medo de má interpretação quanto ao contato físico também estava presente para os homens que trabalham na área da saúde:

Me incomoda que em uma comunidade hospitalar exista esse limite entre enfermeiro e paciente. Como homem, compete-me dar assistência a esta mulher, mas ela diz “Não, eu não quero tomar banho porque você é um homem, eu quero que me chame uma enfermeira mulher.” Portanto, acho que não entenderam ainda, e não têm essa cultura de estar em um hospital nem entendem que estão ali pela sua saúde e não por gosto. É para o seu próprio bem, nós estamos aqui para ajudá-las... – Jorge¹⁶

Nesta narrativa, podemos ver como normas de gênero se expressam através do corpo físico e como contato físico “adequado” é socialmente construído. Embora contato físico seja permitido e mesmo necessário em um ambiente profissional como um hospital, não é sempre um espaço neutro.

Homens que eram cuidadores primários também fizeram distinção entre cuidar e trabalho doméstico. Embora a maioria dos homens que participaram do presente estudo realizassem tarefas de cuidado, muitas vezes eles se distanciavam da realização de tarefas domésticas como lavar, passar, cozinhar, fazer compras, entre outras coisas, e dependiam das mulheres para completá-las. O entrevistado muitas vezes assumia estas responsabilidades da mesma forma que a parceira, mas em capacidades relacionadas ao trabalho (ou como um membro da família). Tudo isto reflete a hierarquia subjacente à divisão dicotômica de gênero do trabalho que se opõe ao trabalho da mulher fora do lar. Tarefas domésticas são frequentemente consideradas menos importantes, são associadas a trabalho manual, devem ser consistentes e constantemente executadas, e muitas vezes requerem pouca habilidade. Hoje, embora as mulheres de classe média,

¹⁵ Prefería pedirle a alguna profesora que los llevara al baño, sobre todo con las niñas o sea, además si también estaba temeroso porque por esta cuestión como varón digo las niñas yo creo que si bien es cierto que hay violaciones y toda la cuestión pero tocar a una niña que puede interpretar más y yo tenía miedo a esa cuestión porque en esa escuela que estuve, que me tocó ese grupo de segundo que eran profesores universitarios se habían dado problemas muy fuertes, donde los profesores que estaban en primero o en segundo tocaban a las niñas pero no las tocaban maliciosamente.

¹⁶ Me da más molestia de cómo puede ser posible que en una comunidad hospitalaria haya ese límite entre enfermera y paciente. A mí me toca como hombre atender una señora, pues me dice “no, no me quiero meter a bañar porque eres hombre, y quiero que me pasen a una enfermera.” Entonces yo siento que no han entendido todavía y no tienen esa cultura de estar en un hospital y de que vienen por su salud, no viene por gusto y nosotros estamos aquí para ayudarlos, no hay morbo... - Jorge



em geral, tenham conseguido reconhecimento como membros iguais da sociedade e que podem trabalhar fora de casa, elas passam frequentemente suas antigas obrigações domésticas para as mulheres mais pobres, muitas das quais também se querem libertar desses mesmos encargos. O atual estatuto social dos trabalhadores domésticos poderá esclarecer por que razão os homens estão mais dispostos a transformar suas práticas de paternidade do que as práticas em torno das tarefas domésticas.

Reflexões

Ambos os grupos – homens que cuidam do ambiente doméstico e homens que fazem trabalho de cuidado como profissão – partilham uma característica comum: não consideram o trabalho de cuidar como uma parte específica de seu projeto de vida. O primeiro grupo de cuidadores acreditava que as suas atuais funções derivaram de um grande evento como o fim de um relacionamento de longo prazo, enquanto a maioria do segundo grupo dava diferentes motivações para o seu trabalho de cuidado (ganho econômico, oportunidade, ou a representação do trabalho de cuidar como emocionalmente gratificante ou como um desafio a assumir). Quando o trabalho de cuidar é feito em casa, vemos que não significa necessariamente se envolver em modelos familiares alternativos ou mais equitativos de gênero, mas sim que os homens simplesmente integraram essas atividades em suas rotinas em resposta a certos acontecimentos que lhes mudaram a vida. Os homens, nestes casos, não podiam depender de uma parceira com quem pudessem compartilhar responsabilidades e tarefas para o bem-estar dos membros da família. Este grupo experimentou a paternidade de diferentes formas: como intimidade emocional com seus filhos, como professores e educadores que recorrem ao diálogo em vez de toque físico, como laços de amizade. Esta interpretação da paternidade como crescimento emocional questiona o quadro normativo que diz que pais devem ser distantes e ausentes.

Para profissionais cuidadores, eles também observaram o surgimento de práticas relacionadas ao cuidado, confiança, diálogo e à prestação de atenção aos beneficiários dos seus cuidados. Apesar da profissionalização e inserção dessas atividades no local de trabalho, onde os homens devem mostrar eficiência, competitividade, racionalidade e sustentabilidade, isto criou uma tensão insuperável.

Em geral, as entrevistas ofereceram percepções sobre como o cuidado pode posicionar-se como uma valiosa atividade na qual famílias, comunidades e contextos sociais específicos reconhecem e apreciam quem cuida – seja ele homem ou mulher.

REFERÊNCIAS

- Blazquez, N., Palacios, F., Everardo, M. (2010). Epistemología feminista: temas centrales en Investigación feminista, epistemología, metodología y representaciones sociales. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Chodorow N. (1978). The reproduction of mothering: psychoanalysis and the sociology of gender. Berkeley: University of California Press.
- Gilligan, C. (1993). In a different voice, psychological theory and women's development. Cambridge: Harvard University.
- Hartsock N. (Ed.). (1983). Money, sex and power: toward a feminist historical materialism. New York: Longman.

Homens que Cuidam: África do Sul

E. ÁFRICA DO SUL



Fotografia por Eric Miller

Um estudo sobre Masculinidades e Gênero na África do Sul

Por Robert Morrell e Rachel Jewkes

INFORMAÇÃO GERAL DO PAÍS

ÁFRICA DO SUL: Políticas que favorecem o envolvimento dos homens no Cuidado

- O Children's Act 38 de 2005 permite aos pais que demonstram envolvimento na vida de seus filhos adquirirem plenos direitos parentais e de responsabilidades e a custódia padrão em caso de divórcio é a compartilhada.
- O Basic Conditions of Employment Act 75 de 1997 prevê três dias de licença por ano aos homens a serem utilizados no momento do nascimento do filho ou da doença ou morte de um membro da família.
- A Maintenance Act 99 de 1988 estipula que o pai biológico de uma criança, casado ou não, deve prover financeiramente seu filho em proporção às suas possibilidades.

O ESTUDO DA ÁFRICA DO SUL

Estudo Demográfico

Um total de 20 homens foi entrevistado para o estudo. Sete foram entrevistados na província de Kwa Zulu-Natal (Durban), sete nos arredores de Mthatha (uma pequena cidade na zona oriental do Cabo) e seis na Província de Gauteng (Johanesburgo e Pretória). Os homens tinham idades compreendidas entre os 20 e 85 anos. Incluía africanos, brancos e homens indianos e homens dos credos Cristão, Muçulmano e Hindu. Em termos de classe social variaram entre profissionais com formação universitária aos desempregados ou marginalmente empregados. Em termos de orientação sexual, dois dos informantes se identificaram como sendo homossexuais. Um era portador de deficiência e dois viviam abertamente com o HIV. A representação significativa de trabalhadores de ONGs reflete que as pessoas envolvidas neste trabalho são mais suscetíveis de terem mais ligações (de se conhecerem mutuamente e aos pesquisadores) do que os homens que realizam tarefas de cuidado dos filhos e domésticas, pois tendem a trabalhar em isolamento de outros homens nestas circunstâncias. O mesmo é válido para os homens em profissões relacionadas ao cuidado.

# dos Homens	Papel de Cuidar Primário
7	Cuidadores Primários
4	Trabalhadores de ONG (GBV e HIV/AIDS)
2	Enfermeiros
1	Trabalhador voluntário em cuidados de HIV
1	Assistente Social
1	Funcionário de Hospital
1	Psicoterapeuta/Professor universitário
1	Professor do Ensino Primário/Conselheiro de Centro de Saúde Gay
1	Líder de atividades teatrais comunitárias sobre HIV e estupro
1	Promoção da Saúde

Nº Total: 20 Homens Entrevistados

As Práticas dos Homens no Trabalho de Cuidado

Homens em locais de trabalho de cuidado profissional

Embora os homens não discutissem criticamente as suas experiências no âmbito do trabalho de cuidado profissional, ficou claro que eles estavam envolvidos em uma ampla gama de atividades que os diferenciava da maioria da população masculina. Muitas vezes, esses profissionais também estavam assumindo responsabilidades domésticas de cuidado. Por exemplo, Kabelo¹ era um enfermeiro forense profundamente empenhado em melhorar os cuidados em situação de pós-estupro, ao mesmo tempo em que, enquanto solteiro, criava seus dois filhos após o divórcio. Jim era um jovem que tinha trabalhado durante anos com ONGs que atuam na prevenção da violência contra mulheres e crianças, inicialmente como um voluntário e mais tarde remunerado, e também cuidou de uma bebê, filha de um amigo, durante oito meses como único pai de acolhimento.

Pelo menos três dos homens estavam envolvidos em atividades de ONGs relacionadas com homens e igualdade de gênero, HIV/AIDS e violência contra as mulheres. Sipho estava envolvido em teatro comunitário desde muito novo, com trabalho sobre HIV e estupro; e Pat era voluntário trabalhando em cuidados de HIV. Cedric era muito mais velho do que os outros homens (85 anos) e como atividade pós-aposentadoria se envolveu no trabalho de prevenção do HIV com homens locais de língua isiZulu em um hospital. Para os outros homens, a sua profissão de cuidar era simplesmente um trabalho que lhes tinha aparecido. Ou seja, tinham feito escolhas para se envolver, principalmente em prevenção do HIV e igualdade de gênero, a uma altura em que estavam sem outra carreira e oportunidades geradoras de rendimentos. No momento da entrevista eles eram remunerados por esse trabalho com um baixo salário (R500 ou cerca de US\$60, por mês), mas nenhum havia sido remunerado durante a maior parte do tempo que esteve envolvido na comunidade, em atividades relacionadas com o cuidado ou ativismo de gênero.

¹ Todos os nomes foram mudados para preservar confidencialidade.

O trabalho de cuidado, segundo as entrevistas, pode ocorrer em contextos de pobreza, uma vez que os homens se veem respondendo a situações de necessidade por motivo de doença de um familiar, seu próprio desemprego, falta de trabalho ou mesmo necessidade de identidade ou renda. O trabalho de cuidar neste contexto não é necessariamente prova de compromisso com um sistema de valores equitativos de gênero, embora possa contribuir para mudanças de atitude e para a emergência de um novo sistema de valores que valoriza o trabalho de cuidar.

Cuidado no lar

O último grupo de homens tinha grandes responsabilidades relacionadas com o cuidado de crianças ou outras formas de cuidado na esfera pessoal. Era um grupo particularmente eclético; alguns se envolviam com trabalhos de cuidado em casa mais do que a maioria, devido a negociações com os seus parceiros e devido aos desafios das altas percentagens de HIV na África do Sul. Por exemplo, Steve, tinha uma carreira em tecnologia da informação (TI), mas assumiu a responsabilidade principal por seus filhos por um período para que a sua esposa pudesse focar em seu negócio altamente bem-sucedido. Ele e a esposa também tinham se envolvido em trabalho voluntário durante vários anos como pais adotivos de curto prazo para crianças que necessitavam de abrigos de emergência.

Os outros homens do grupo estavam em situações econômicas diferentes. Mzokhona, 36, estava desempregado e tinha se tornado o único cuidador de seus trigêmeos, que agora tinham dois anos, após a mãe os deixar à sua porta numa caixa de papelão quando tinham 10 meses de idade. Linda (um homem), 23, tinha um trabalho mal remunerado, e era o cuidador e provedor de cinco irmãos e cinco sobrinhos com idades compreendidas entre 1 e 17 anos. Houve uma época em que eram 17, mas no momento da entrevista eram apenas 10, porque a sua avó tinha levado as meninas para uma fazenda onde ela morava. Ele tinha assumido a responsabilidade de cuidar das crianças após uma das suas irmãs ter morrido. Seu pai tinha abandonado a família há algum tempo, sua mãe havia casado novamente e já não queria as responsabilidades de cuidar dos filhos. A irmã de Linda, a quem por costume era esperado sua ajuda, não estava disposta a fazê-lo.

Depois que Bonginkosi contraiu HIV e ficou incapaz de trabalhar fora de casa, começou a cuidar de sua mãe diabética e de seus sete sobrinhos. Mcebisi tinha ideias fortes sobre equidade de gênero e por isso, quando sua esposa foi aprovada num curso de formação em enfermagem em Durban, se tornou o principal cuidador da filha (com 6 anos no momento da entrevista). Dennis cuidava de sua namorada que estava doente com HIV, Thulani estava envolvido em atividades de prestação de cuidados em sua casa onde vivia com a mãe e a irmã.

Para muitos dos homens entrevistados, a pobreza, o desemprego e a insegurança material eram traços dominantes da vida, e as suas atitudes e escolhas refletiam isto. Homens de áreas mais pobres eram mais suscetíveis de se envolver em atividades de prestação de cuidados porque

a necessidade o exigia (a necessidade de um trabalho, estado de saúde ou circunstâncias familiares). “Em primeiro lugar”, disse Pat:

“Eu entendo que sou uma pessoa não instruída, por isso não vou realmente conseguir um emprego com uma cadeira que gira (um trabalho de escritório). [Trabalho numa ONG] é trabalho voluntário, não há dinheiro. Uma ajuda de custo não é salário, é só dinheiro para sabão.”

Alguns destes homens assumiam responsabilidades de cuidado a um nível notável, outros menos. Mas o que todos tinham em comum era o fato de terem adotado um papel de cuidado que muitos outros homens (e por vezes mulheres) do mesmo estrato social teriam declinado.

Relacionamentos com as Parceiras e Dinâmica Familiar

Os homens entrevistados na África do Sul tinham relacionamentos íntimos em vários níveis de proximidade que eram frequentemente ligados às suas opiniões sobre equidade de gênero, e por vezes influenciavam a divisão de tarefas domésticas. As precárias ou tensas relações com as mães dos seus filhos, como relatado por dois participantes, muitas vezes conduzia ao seu reduzido envolvimento em atividades de cuidado em geral. Para outros, no entanto, a ausência dos parceiros permitiu que se tornassem mais envolvidos em ambientes domésticos e deveres relacionados ao cuidado. Pesquisas similares realizadas sobre envolvimento na paternidade na África do Sul (Khunou em Richter e Morell, 2006) observaram que os ex-parceiros (bem como advogados) às vezes servem como obstáculos para os pais que desejam estabelecer relações significantes com seus filhos.

Dennis explicou que a falta de proximidade com seus filhos existia porque as mães os tinham afastado dele. As crianças tinham diferentes mães e uma o deixou e se mudou para a Cidade do Cabo - “*então acabou levando ela. Vê. Agora eu não posso fazer nada, vê.*”

Embora Pat não tenha discutido especificamente a sua relação com a mãe do seu filho, era altamente provável que ela não fosse boa. Ele não tinha uma forte relação com seu filho, em grande medida porque, quando a criança nasceu, não admitia que o filho fosse seu. Pat só via o seu filho uma vez por mês e lamentava o fato de não ser um bom provedor (mesmo que implicitamente reconhecesse que isso era importante):

“Eu não estou trabalhando bem, veja só, eu sou incapaz de apoiá-lo, ainda agora, em dezembro, não pude comprar roupas para ele no Natal. Então, eu tenho aquela coisa que eu sou um pai inútil.”

Mcebisi relatou que queria um relacionamento equitativo com a esposa:

“Quero que ela faça parte da família, parte do processo decisório e que eu não seja aquela pessoa que decida sozinho aquilo que

deve ser feito. Quero que a gente se sente e discuta como deveria fazer e então nos deparamos com algo que é sólido."

Ele relatou também que partilhava todo o trabalho doméstico com sua esposa. Porém, ao mesmo tempo, ele era homofóbico e defendia uma visão das relações humanas fundamentada no Velho Testamento.

Charles, um professor universitário e psicoterapeuta, apoiava a equidade de gênero e aparentemente a vivia na sua vida. Sempre acreditou em compartilhar o trabalho de cuidado e o fez com a sua esposa desde o primeiro dia de casados. Houve um período, disse Charles, quando seus filhos eram pequenos, que sua esposa tinha a responsabilidade principal de cuidar, mas ela retornou ao trabalho rapidamente e voltaram a partilhar as responsabilidades domésticas e de cuidado. Charles ressaltou que seu compromisso inicial com trabalho doméstico e cuidados infantis foi impulsionado por um compromisso de vida cooperativo e de vida em comum que, por sua vez, se devia muito ao seu Cristianismo. Em determinada altura de sua vida, ele estudou para ser padre.

Neo, um trabalhador de uma ONG, que relatou ser um entusiasta da equidade de gênero e apoiava ativamente leis como a legalização do casamento gay e a proibição da discriminação sexual, tinha uma noção diferenciada sobre o que significa ser homem. Ele vivia em casa com as suas duas filhas adolescentes e a esposa, que era professora e principal provedora da família. A esposa não apoiava a equidade de gênero, o que significava que tinha opiniões ortodoxas sobre o papel dos homens como decisores e chefes de família. Neo era deficiente e, portanto, limitado em muitas atividades, mas tinha alguma capacidade para executar trabalhos domésticos. No entanto, raramente realizava o trabalho de cuidado e encontrava alguma resistência brincalhona de seus familiares sobre a sua participação limitada neste campo. Ele descreveu que regressava do trabalho solicitando a suas filhas que lhe fizessem chá, mas que elas normalmente se omitiam. Sua esposa era claramente a responsável pelo sustento da casa e ele se sentia mal se ela voltasse depois de um dia na escola e ainda tivesse que cozinhar, lavar e limpar, embora tivessem uma pessoa realizando as tarefas domésticas. Neo relatou que a esposa o pressionava especialmente em relação a grandes decisões financeiras que afetavam a família.

Linda se entendia a si mesmo como sendo um "bom homem" porque tomava conta de muitos dependentes (dez no total) e não hesitou em valorizar a decisão que tomou ao assumir este trabalho. Entendia o seu papel como provedor de uma forma tradicional (por exemplo, assumir a responsabilidade de colocar comida na mesa, tomada de decisões, se assegurar que seus "filhos" fizessem o que lhes era dito). No cuidado das crianças, ele foi financeiramente o provedor, embora vivessem com muito pouco dinheiro. Cozinhou ocasionalmente, mas não lavava a roupa. Também referiu a sua função como protetor dos seus filhos, o que envolvia impedi-los de sair à noite. Os disciplinava e era responsável pelo seu desempenho escolar. Linda tinha também dois filhos dele

que não estavam entre os dependentes que viviam consigo e por quem provia. Ele se sentia magoado com as mães (os filhos eram de mães diferentes) por colocarem pressão sobre ele para providenciar dinheiro. Linda referiu que não conseguia sequer ter dinheiro para cuidar dos seus atuais dependentes. Em geral, Linda tinha fortes crenças patriarcais, era desconfiado com as mulheres e era muito homofóbico:

“Porque as mulheres devem entender que os homens devem sempre ter poder sobre elas. Já, posso dizer que sim. Essa é a realidade. Isso não pode mudar. É sempre assim.”

Muitos dos homens entrevistados tinham opiniões patriarcais que pareciam estar em conflito com as suas ações. Por um lado, as suas ações estavam contribuindo para uma nova ordem de gênero; por outro, suas opiniões ainda apoiavam o predomínio dos padrões de gênero hegemônicos. Isso reflete o processo ambíguo de transformação de gênero na África do Sul – embora, globalmente, pareça existir uma mudança gradual nos níveis das políticas e das práticas cotidianas dos homens que incluem partilhar mais trabalho de cuidado e transformando a forma como eles constroem suas masculinidades.

As Experiências de Infância dos Homens e os caminhos para o Cuidado

Não houve um caminho único para o cuidado dos homens entrevistados na África do Sul. Alguns homens tinham estado claramente envolvidos no trabalho de cuidar desde uma idade muito precoce. Outros o entendiam como algo que eles tinham começado mais tarde em suas vidas e atribuíram suas atividades a um sistema de crenças, tanto influência religiosa quanto um sentido apurado de justiça/injustiça devido às experiências de violência vividas (seja no lar ou alguns relacionados ao período do apartheid). Para alguns participantes, havia um determinado acontecimento que mudou as suas vidas, como a morte de um parente, ou descobrirem que tinham HIV. Muitos dos entrevistados falaram sobre terem modelos femininos ou masculinos fortes em suas vidas, mas que estes frequentemente não eram seus pais. Apesar da existência de uma abundante literatura ligando adversidades na infância com homens adultos mais violentos e com comportamentos antissociais (Raine, 2002), as infâncias destes homens eram notáveis por sua diversidade, e entre eles estavam algumas que foram especialmente duras.

A infância de Simon foi semelhante à de vários outros homens no estudo. Sua avó o criou numa zona rural com seus irmãos e primos. Sua mãe era uma trabalhadora doméstica que esteve em grande parte ausente da sua infância e seu pai, ainda vivo, estava completamente ausente. Eram mais de 15 crianças que viviam em sua casa e ele era um dos mais novos. Desde muito novo a sua avó o destacou dos outros e fez dele seu “ajudante especial”. Foi-lhe dado um papel duplo: tanto o de proteger como o de cuidar. E cresceu sabendo que estava fazendo coisas que seus pares masculinos geralmente não faziam:

“Ela me dizia que aqui em casa estamos protegidos por você, se alguém nos atacar é você quem nos protege, mas por outro lado ela dizia que eu tinha que fazer tarefas domésticas, cozinhar, assar e fazer todas essas coisas, engomar... Eu sempre gostei das coisas que os homens não fazem. Gostava de cozinhar e fazer bolos no domingo.”

Jaz, de um meio Muçulmano, acreditava que a razão de sua casa ser dominada por mulheres era devido à sua convicção no cuidado. Ele via as mulheres como iguais aos homens, um fator que ele acreditava residir na posição que sua mãe ocupava na família; “ela era,” ele disse, “a forte”. Três das irmãs de sua mãe eram empresárias (apoiadas pelo avô de Jaz). Consequentemente, ele não via nada de incomum em mulheres tomarem decisões e serem encarregadas das famílias. Mas, aparentemente, a aptidão pelo cuidado também veio de seu pai que era um filantropo que doava dinheiro para a caridade.

Para outros, acontecimentos da vida precipitaram sua entrada em alguma forma de trabalho de cuidado pessoal ou profissional. Xhanti, um especialista em promoção de saúde, realmente não se via como um “homem que cuida” e não tinha pensado muito sobre equidade de gênero antes de trabalhar como facilitador de oficinas numa intervenção de prevenção de gênero e de HIV (Stepping Stones). Este programa o “chocou” e o impeliu ao trabalho voltado para a promoção da equidade de gênero. Da mesma forma, Kabelo, o enfermeiro, teve uma nova consciência sobre assuntos relacionados com violência sexual e encontrou uma motivação para melhorar os cuidados em situações de pós-estupro quando foi convidado a frequentar um curso em enfermagem forense.

As características comuns que muitos dos homens entrevistados compartilhavam era a de serem receptivos a transformar suas percepções sobre papéis de gênero tradicionais masculinos. Alguns tiveram relacionamentos com indivíduos fortes (mães, pais, avós e outros) com a capacidade de influenciar seu pensamento desde uma tenra idade. Para outros não era uma experiência de infância, mas antes uma oportunidade fortuita de aprender uma nova competência, que abriu os seus olhos sobre o envolvimento dos homens no cuidado. Estas experiências, embora únicas, eram geralmente descritas como poderosas e significativas e eram facilmente identificáveis pelos próprios homens.

Atitudes em relação a questões de Gênero e Cuidado

As entrevistas da África do Sul sugerem que o cuidado não tem uma conexão simples e linear com as visões dos homens sobre equidade de gênero. Esta seção examina como os homens entrevistados relacionam suas atividades relacionadas ao trabalho de cuidado com a sua masculinidade.

Para Xhanti, estar comprometido com equidade de gênero e estar envolvido no cuidado contribuem para a criação de uma masculinidade alternativa:

“Eu me vejo como diferente de outros homens... Eu sou mais complacente e compreensivo. Eu geralmente escuto as pessoas, e não interrompo quando eles têm argumentos. Você encontra outros homens, eles vaiarão quando mulheres discutem, então talvez eu aplique a técnica de forma diferente, eu ouço suas opiniões. Talvez eu concorde com ela em algo. Mas eu penso que sou diferente.”

Alguns entrevistados estavam fortemente de acordo com suas responsabilidades como cuidadores das crianças que eles apadrinharam ou demonstravam geralmente atitudes respeitadas em relação a mulheres e eram críticos com o que eles viam como fracas normas masculinas entre seus pares. Eles se orgulhavam do seu comportamento e atitudes não tradicionais. Mcebisi, o homem de família de Mthatha, referiu:

“Eu sou uma pessoa que se senta com a minha família a maior parte do tempo. Eu não tenho tempo para amigos. É a minha família. Ou eu vou para casa ou vou à igreja.”

Isto era oposto aos comportamentos masculinos hegemônicos, que frequentemente envolvem estar fora de casa durante longos períodos durante as noites e fins de semana com pares masculinos, que também pode servir como uma oportunidade para conhecerem outras mulheres. Mcebisi era particularmente orgulhoso do fato de ter um relacionamento muito bom com a sua filha, e deliberadamente se distanciar da prática em que pais preferem ou favorecem os filhos homens. Sua filha, ele disse, “ama uma pessoa que é o pai, é muito raro”. Mas por outro lado ele se via como um patriarca e acreditava que “pais são ensinados a assumirem responsabilidades em suas casas”.

Em todos estes casos, os homens orgulhosamente alegaram ser diferentes – mais afetuosos, menos violentos, e mais fieis. Mas cada um deles, à sua maneira, se inspirou em discursos tradicionais, tal como a “superioridade natural” de homens, para se explicarem. Bonginkosi, por exemplo, disse:

“A maioria das vezes eu não quero me baixar muito perante uma pessoa. Eu gosto de fazer as coisas por mim próprio e é bom se eu fizer algo sozinho.”

Para ele, um homem deve ser independente e forte. Os homens de Mthatha, um pequeno povoado no Cabo Oriental, expressaram que independência pode coincidir com o compromisso da divisão das tarefas domésticas, que num contexto conjugal seria tradicionalmente visto como “trabalho das mulheres”, mas realmente é essencial que os homens se envolvam para que sejam independentes.

Atitudes perante Políticas de Igualdade de Gênero

Homens como Pramesh, um professor de escola primária, apoiavam fortemente a equidade de gênero e as abordagens de políticas de igualdade de gênero tomadas pelo partido governante do país, o Congresso Nacional Africano. Da mesma forma, como previamente notado, Neo era entusiasta da equidade de gênero e apoiava leis que apoiavam a causa (por exemplo, leis que legalizem casamentos gay e proíbam discriminação sexual).

Por outro lado, alguns dos homens entrevistados expressaram um nível de desconfiança para com estas políticas e acreditavam que elas eram frequentemente sobreutilizadas por mulheres que pretendiam tirar proveito de homens em posições vulneráveis. Thulani era crítico de muitas leis que tentaram dar efeito ao princípio da equidade de gênero. Não que criticasse a lei em si, mas acreditava que as mulheres abusavam dela. Em relação às Maintenance Laws, por exemplo, referiu que:

“[As mulheres] Usam isso como um método de infligir dor, elas não desejam necessariamente só apoio, suporte para cuidar.”

Ele acreditava que a lei impedia os homens de usar os seus escassos recursos para construir as suas próprias famílias, e ele suspeitava que as mulheres manipulassem a lei para extrair dinheiro dos homens.

As percepções de equidade de gênero de Dumisani espelhavam as de Thulani. Ele apoiava os subsídios de apoio à criança que fornecem quantias relativamente modestas (R240 ou US\$20, por mês) a mais de 5 milhões de pessoas que cuidam com meios de subsistência limitados (geralmente mães adolescentes) (Morrell, Bhana e Shefer, 2012: 12). Mas Thulani pensava que as mulheres abusavam do subsídio. É importante notar que não há nenhuma prova dessa suspeita em literatura de pesquisa (Makiwane & Udjo, 2006). Por outro lado, a visão de Dumisani reflete uma suspeita das mulheres que está em parte refletida pelos seus atuais problemas de relacionamento com a mãe de sua criança. O seu compromisso com a equidade era mais ao nível da política do que nas suas relações de vida.

Os homens entrevistados mostraram que são diferentes de seus pares masculinos pela sua forma de pensar e pela forma com que executam seus papéis como cuidadores, quer ao nível profissional quer em casa. No entanto, havia suspeitas arraigadas, por parte de alguns participantes, de que algumas pessoas poderiam tirar proveito de um sistema de governo que tentasse criar ambientes mais equitativos de gênero.

Reflexões

Como foi referido, as entrevistas da África do Sul confirmaram que não há uma conexão linear nem causal entre o trabalho de cuidado e a crença, o trabalho para a promoção ou o apoio a políticas relacionadas com a equidade de gênero. A lacuna, então, entre assumir tarefas de cuidado e acreditar em equidade de gênero foi, por vezes, explicada como tendo

sido causada por experiências de vida específicas ou fatores contextuais. Muitos tinham questões com seus pais e, como defende Ross Haenfler, “eles reagiram a relacionamentos quebrados com seus pais criando maneiras diferentes de ser masculino” (Haenfler, 2004). Para alguns homens entrevistados aqui, negligência por parte dos pais os incitou a desviar das normas patriarcais que tinham aprendido e os incentivou a cuidar. Para outros, foi um desenvolvimento biológico (o princípio da doença) ou o compromisso social e cuidado de um pai, e exemplo, que serviu como um catalisador para o seu próprio envolvimento no trabalho de cuidado.

Para muitos homens entrevistados para este estudo e na África do Sul como um todo, assim como em outros contextos de baixa renda, pobreza, insegurança material e desemprego foram características dominantes da vida e suas atitudes e escolhas refletiram isso. Em um estudo sobre homens em circunstâncias semelhantes na Índia, Annie George (2006) mostrou como homens atuando em contextos não necessariamente tradicionais de trabalho construíram novas masculinidades que envolviam criar novos padrões de honra, mas também levar em conta o poder crescente das mulheres para validar estas novas definições de masculinidade. No caso deste estudo, homens respondiam a consequências materiais por desenvolverem masculinidades alternativas, mas estas novas versões nem sempre abraçavam novos valores de equidade de gênero. Quando o faziam, parecia ser mais frequente entre homens da classe média e materialmente mais seguros, que entendiam as mulheres como tendo o mesmo estatuto doméstico e os mesmos direitos que os homens. Enquanto alguns abraçavam convicções de equidade de gênero, na maioria dos casos, isto era ampliado para algumas áreas da vida, mas não em todas, e caminhava a lado de uma desconfiança persistente de mulheres.

A África do Sul é um país muito diverso com diferenças raciais e de classe substanciais que influenciam as formas de masculinidade, assim como os ideais masculinos (Morrell, 2001). A equidade de gênero como um valor social foi promovida na Constituição do país, embora não esteja clara a extensão em que é abraçada por pessoas comuns e instituições sociais de base (Morrell, 2005). Em suma, a busca pela transformação radical entre os homens da África do Sul dará os seus frutos de imediato. Mas os homens na África do Sul estão mudando; começam a se envolver mais no trabalho de cuidado e o fazem de forma a favorecer novas construções de masculinidade. Mas as formas emergentes de masculinidade ainda só têm uma vaga semelhança com os “novos homens” (homens mais equitativos de gênero) de parte do Norte Global. Isto não deve, no entanto, ser razão para entender as mudanças entre os homens Sul Africanos, incluindo os entrevistados para este estudo, como insignificantes, dentro de um projeto mais longo de promoção da equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

- George, A. (2006). Reinventing honorable masculinity: Discourses from a working-class Indian community. *Men and Masculinities*, 9, 35-52.
- Haenfler, R. (2004). Manhood in contradiction: The two faces of straight edge, *Men and Masculinities*, 7(1), 77-99.
- Jewkes, R., Sikweyiya, Y., Morrell, R. & Dunkle, K. (2009). Understanding men's health and use of violence: interface of rape and HIV in South Africa. Policy Brief. Pretoria: Medical Research Council.
- Makiwane, M. & Udjo, E. (2006). Is the child support grant associated with an increase in teenage fertility in South Africa? Evidence from national surveys and administrative data. Pretoria: HSRC Press.
- Morrell, R. (2001). The Times of Change: Men and Masculinity in South Africa. In R. Morrell (Ed.), *Changing Men in Southern Africa*, (3-37). Pietermaritzburg/London: University of Natal Press/Zed Books.
- Morrell, R. (2005). Men, movements and gender transformation in South Africa. In L. Ouzgane and R Morrell (Eds.), *African Masculinities: Men in Africa from the late 19th Century to the present* (271-288). New York/Pietermaritzburg: Palgrave/University of KwaZulu-Natal Press.
- Morrell, R., Bhana, D. & Shefer, T. D. (Eds.). (2012). *Books and babies: Pregnancy and young parents in school*. Cape Town: HSRC Press.
- Raine, A. (2002). Biosocial studies of antisocial and violent behavior in children and adults: a review. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30, 311-326.
- Richter, L. & Morrell, R. (Eds.). *Baba. Men and fatherhood in South Africa*. Cape Town: HSRC Press.

A. Conclusões

Cada cenário cultural aqui apresentado é único, assim como cada homem entrevistado é único na sua trajetória. No começo de cada resumo de país, podemos verificar que os contextos também variam em termos do grau de importância que as políticas existentes dão à equidade de gênero e o quanto políticas sociais de desenvolvimento promovem ou ignoram os papéis dos homens como pais e cuidadores. Apesar desta significativa variação ao nível micro e macro, as conclusões mostram semelhanças entre os cenários.

Na maioria dos casos, o trabalho de cuidar no nível familiar e no nível profissional foi imposto aos homens por circunstâncias da vida em vez de resultar de uma escolha individual. As circunstâncias de vida que deram origem à participação dos homens no cuidado familiar incluem separação e divórcio; morte do parceiro; migração ou exílio sem presença da família estendida para fornecer apoio no cuidado; desemprego ou mudanças de emprego; condições crônicas de saúde ou deficiências por parte do parceiro no cuidado ou de outros membros de família. Da mesma forma, a maioria de homens em profissões de cuidado descreveram seus caminhos até este trabalho como sendo mais baseados em acaso ou outros fatores do que como uma decisão ou plano de vida. Claramente, os homens entrevistados têm ou tiveram poder de decisão sobre as respostas a estas circunstâncias de vida. No entanto, mais pareciam ter abraçado o trabalho de cuidar que veio ao encontro deles do que ter seguido um caminho ideológico pela equidade de gênero, em que proativamente tivessem procurado uma maior participação no trabalho de cuidar.

Numerosas condições e estratégias tornaram possível para os homens continuar a desempenhar seu trabalho não tradicional de cuidado uma vez começado. Os homens entrevistados em diferentes cenários que atuavam como cuidadores principais ou equitativos, geralmente tiveram que encontrar um emprego e horas de trabalho mais flexíveis, tal como as mulheres historicamente fizeram em vários contextos. Para homens em alguns cenários, era mais fácil para suas identidades, amor-próprio e posição entre pares e famílias se envolverem mais completamente nas tarefas de cuidado se eles também trabalhassem por um salário, pelo menos parte do tempo.

Alguns homens estavam envolvidos em tarefas de cuidado na família como uma prática de longo prazo enquanto outros o faziam há pouco tempo em resposta a circunstâncias específicas. Alguns homens entrevistados tinham sido ou eram cuidadores primários em casa há pouco tempo ou por um tempo fixo, para a parceira seguir a sua carreira. Outros serviram como pais adotivos de uma criança não parente por um tempo e mais tarde voltaram ao seu papel “tradicional” como cuidadores secundários. Em todos os cenários, muitos dos homens envolvidos em trabalho profissional de cuidado também se envolviam em tarefas de cuidar em casa.

Experiências da primeira infância criaram direções múltiplas, e por vezes, contrárias, em influenciar práticas de cuidado dos homens.

Consistente com os resultados do IMAGES, que mostraram que homens que viram seus pais executando trabalho de cuidar, tinham maior probabilidade de fazê-lo eles próprios, alguns destes homens que cuidam afirmaram que as primeiras experiências de ver seus pais ou outros homens executar o trabalho de cuidar foi uma inspiração para se decidirem ou aceitarem esta atividade quando lhes foi imposto; vimos isto no Chile, México e África do Sul. No entanto, um número praticamente igual dos homens entrevistados informou que seus pais não tinham estado envolvidos no trabalho de cuidar.

O que parece ser comum transversalmente a ambos os casos é uma consciência intensificada sobre a participação ou não dos homens de suas famílias nas tarefas de cuidado. A maioria dos homens em nossa pesquisa se lembrava facilmente e em detalhes se os próprios pais tinham ou não participado no trabalho de cuidar. Naturalmente, o nosso processo de entrevista incentivou os homens a recordar estas experiências de infância; mas, em muitos casos, o trabalho atípico de cuidado que esses homens exerciam pareceu aumentar sua consciência sobre se outros homens que eles conheciam, inclusive seus pais, faziam trabalho de cuidar.

Em alguns casos – ter testemunhado o uso de violência de seus pais contra suas mães – aprofundou os relacionamentos dos homens com suas mães, e os fez valorizar mais os papéis de cuidadoras de suas mães, como era o caso na Índia. Além disso, algumas das primeiras experiências relatadas pelos “homens que cuidam” estavam relacionadas ao cuidado com seus irmãos ou com outros membros da família. Estas eram, mais uma vez, o resultado de circunstâncias de vida – particularmente pobreza, desemprego, estresse familiar, quando um ou mais pais eram incapazes ou não conseguiam cuidar de todas as crianças na família por causa de doença, abuso de álcool, morte ou abandono, em particular no caso da África do Sul.

Vimos exemplos de resiliência em histórias de vida de alguns homens. Muitos dos entrevistados provenientes de contextos de baixa renda e ambientes altamente estressantes falaram que tiveram modelos femininos e masculinos fortes relacionados com o cuidado durante a infância, às vezes pais, mas muitas vezes outros adultos, particularmente na África do Sul e Brasil. Pesquisas de cenários diferentes, incluindo os dados do IMAGES, confirmaram conexões entre adversidade na infância e posterior comportamento violento e antissocial por parte dos homens. Mas vários dos homens entrevistados para Homens Que Cuidam tinham encarado esta adversidade e emergiam como homens afetuosos e não violentos. Suas decisões de se envolverem no cuidado refletiam uma variedade de motivos, algumas que podiam articular e outras não. O que frequentemente emergiu em suas histórias de vida foi terem um adulto (uma mãe, uma avó ou outro elemento da família) que os escolheu durante a infância e forneceu proteção e cuidado extra em condições de vida duras.

A qualidade e natureza dos relacionamentos dos homens com parceiras (particularmente as mães de seus filhos) afetaram muito o quanto e como os homens participavam no trabalho de cuidado na família. Alguns homens informaram que suas esposas ou parceiras se ressentiam do envolvimento dos homens no cuidado, que consideravam como um desafio à sua “posse” do espaço doméstico. Havia também um ou dois exemplos de homens que informaram que suas parceiras eram mais rígidas ou tradicionais do que eles em atitudes sobre gênero.

Para os cuidadores primários com parceira, o seu entendimento e apoio contribuiu para os tornar mais confiantes em aceitar seus papéis não tradicionais de cuidar. Para outros homens, coordenar o cuidado com a parceira – se o casal vivia junto ou não – era uma condição-chave para a sua participação.

Os *homens que cuidam* descreveram frequentemente outras pessoas que não suas esposas ou parceiras – membros de família ou pares – que ou os incentivaram (mais frequentemente) ou os dissuadiram do seu trabalho de cuidar em casa ou nas suas profissões. Em alguns cenários – e estes podem ser muito comuns em todo o mundo – os homens descreveram ter relacionamentos fracos ou emocionalmente distantes com pares masculinos e os desafios de estabelecer relacionamentos significativos e unidos com outros homens.

Para alguns homens estar em contato com, ou estar consciente do seu próprio potencial de cuidar e do cuidado como prática parecia ser um catalisador para poderem questionar o tradicional estoicismo emotivo masculino. Alguns homens conseguiram articular esta mudança em si como consequência de participarem no cuidado e de se compararem a pares masculinos que eles disseram não serem capazes de mostrar emoções e conexões emotivas da mesma forma. Embora possa parecer óbvio, estes resultados apontam para a necessidade de homens e meninos aprenderem a prática constante do cuidado, e também ver isso como uma atitude que envolve conexão pessoal e emocional.

Muitos homens que exerciam o trabalho de cuidado procuraram dar um significado masculino a esse trabalho para adequar à sua identidade tradicional masculina. Alguns homens em profissões de cuidado enfatizaram aspectos masculinos tradicionais de suas profissões. Dançarinos masculinos na Índia disseram que não se transvestiam de mulher em suas danças, referindo que dançar era masculino, mas que usar certos tipos de roupas ou maquiagem não era. No Brasil, um enfermeiro achava que ser homem era uma vantagem para ele no seu contexto de trabalho porque ele tinha mais força física do que as enfermeiras mulheres, podendo levantar pacientes quando necessário, e era apreciado por isso. No México, enfermeiros conversaram sobre suas profissões e enfatizaram atributos profissionais “racionais” tradicionais tal como eficiência.

Muitos dos homens envolvidos como cuidadores primários em casa provavelmente executam trabalho de cuidado antes de outros tipos de tarefas domésticas. Em alguns casos, os homens estavam encarregados de cuidar, mas delegavam o que eles consideravam tarefas menores ou desagradáveis (ou “femininas”) a empregados remunerados ou outros membros da família, particularmente em vários casos na Índia, Chile e México. No entanto, havia alguns homens que gostavam de executar tarefas domésticas e compartilhavam-nas igualmente com suas parceiras, como foi o caso do México.

A satisfação dos homens com o trabalho de cuidado (quer como profissão quer em casa) era variada; alguns homens descreveram grande satisfação e sentido de vida resultantes do trabalho de cuidar enquanto outros disseram que se sentiam incompletos, deprimidos ou subestimados. Alguns homens disseram que viam o valor e a importância de executar o trabalho de cuidado junto à família e sabiam que as suas famílias apreciavam. Ao mesmo tempo, muitos destes homens descreveram solidão ou depressão em relação a estas atividades, conscientes de que o mundo ao redor valorizava homens que ganhassem dinheiro, como foi visto em vários casos no México. Os homens que trabalhavam fora da casa e eram cuidadores primários pareciam sofrer menos com desafios de identidade, depressão ou baixa autoestima. Em outros cenários, muitos dos homens que cuidavam, aceitavam muito bem suas atividades não tradicionais e descreviam ter um arrependimento mínimo em relação às suas responsabilidades. Na Índia, os homens que se descreveram como tendo escolhido o trabalho relacionado ao cuidado – como uma oportunidade profissional que eles viam positivamente ou de cuidar de suas crianças como algo que eles quiseram fazer – estavam geralmente mais satisfeitos com suas práticas de cuidar. No México, e em outros cenários, muitos homens em profissões de cuidado descreveram o prazer e satisfação de se envolverem nesta profissão, em particular por serem capazes de ajudar outras pessoas.

As conexões entre as atitudes dos homens em relação às questões de gênero e a sua participação no trabalho de cuidar é complexa. Vimos, a partir de dados de IMAGES, que homens com atitudes mais equitativas de gênero são mais prováveis de relatar participação em trabalhos de cuidado e domésticos (Barker et al., 2011). No entanto, os relacionamentos que emergem destas histórias de vida revelam a interação complexa entre normas equitativas de gênero e as práticas diárias de cuidar dos homens. Nos cenários analisados, em poucos casos verificamos que homens que tinham atitudes mais equitativas de gênero se tornaram mais envolvidos no trabalho de cuidar como consequência. As experiências de alguns homens mais instruídos (como no caso do Chile) e dos que eram ativistas ou profissionais trabalhando em igualdade de gênero, prevenção de HIV ou prevenção de violência, mais frequentemente mostraram esta conexão. Estes homens tinham sido expostos a atitudes mais equitativas de gênero e suas práticas eram de certa forma (embora não sempre) coerentes com estas normas.

Como referido previamente, para muitos homens, a sua percepção ou reflexões sobre desigualdades de gênero ou injustiças de gênero (se elas aconteceram) eram resultado de fazer o trabalho de cuidado e não o contrário. Para muitos homens a conexão entre atitudes e práticas era claramente bidirecional. Para alguns homens cuidadores, havia pouca evidência de percepção ou consciência de gênero em seu discurso. Para estes homens, o trabalho relacionado ao cuidado era somente algo que eles faziam por imposição de circunstâncias da vida.

Na verdade, em todos os contextos, encontramos homens que tinham aceitado práticas impressionantes de cuidar, mas que ainda tinham atitudes não equitativas, homofóbicas e sexistas. E enquanto alguns homens pareceram mudar suas atitudes quando aceitaram cuidar, caminhando mais em direção à igualdade de gênero, outros homens descreveram acontecimentos em suas vidas, no trabalho ou em casa, que os levaram a mudar atitudes. Estes incluíam a morte de um membro da família (ou múltiplos membros de família) por HIV/AIDS, ou o fato de um membro da família ou esposo ficarem incapacitados, ou eles (os homens) terem alguma deficiência física. Estas circunstâncias de vida dirigiram seu trabalho de cuidar e pareceram dirigir também as mudanças em suas atitudes de gênero.

A maioria dos homens estava preocupada em relação à forma como seu trabalho de cuidar era percebido por outros em suas redes sociais e familiares, em particular se eles perdessem a identidade masculina por aceitar papéis não tradicionais. Os estudos de masculinidades descrevem há muito tempo a natureza de “desempenho” das masculinidades – o que muitos homens descrevem como as expectativas sobre como, em seu contexto social e cultural, devem agir. Os homens neste estudo, executando atividades que são vistas como alternativas ou femininas em seus cenários estavam profundamente conscientes de que sua imagem e reconhecimento enquanto homens estavam constantemente em risco. Ao longo das entrevistas, os homens que cuidam fizeram referências frequentes ao que os “outros pensariam”. Embora esse julgamento não chegasse ao ponto de serem estigmatizados ou rejeitados pelo seu grupo social. Homens trabalhando como dançarinos e pintores de mãos na Índia informaram que escondiam suas profissões de seus amigos homens e um dançarino disse que ele não conseguia encontrar uma parceira por causa do estigma associado à sua profissão, mas estes casos foram os mais extremos.

Os homens percebiam reações mais negativas relacionadas ao seu desempenho no cuidado nos contextos em que o exerciam como profissão. Estes homens informaram que sua presença em espaços femininos tradicionais era frequentemente recebida com desconfiança por colegas de trabalho e por aqueles a quem forneciam cuidado. Os enfermeiros informaram encontrar pacientes femininos que não quiseram ser assistidos por eles; um prestador de cuidados masculino de creche informou que os pais de uma criança não quiseram que sua filha fosse

lavada por um homem. Alguns homens encararam estes conflitos de frente enquanto outros procuraram soluções de não confronto ou se acomodaram a estas atitudes rígidas. Ainda assim, alguns homens trabalhando em profissões de cuidado disseram que se sentiam bem recebidos em seus locais de trabalho, ainda que fossem dos poucos homens trabalhando aí.

B. Comentários Finais

Os *homens que cuidam* são um grupo raro em seus respectivos contextos, e a maioria deles estava consciente de como eram diferentes da maioria dos homens. Ao mesmo tempo, era impressionante o fato de estes homens construírem novas maneiras de “ser homem” mesmo quando são inconsistentes em termos de atitudes equitativas de gênero. Alguns homens mostraram uma prática coerente e discurso de igualdade de gênero, mas havia quase o mesmo número dos que faziam o trabalho de cuidar, que estavam zangados ou desconfiavam das mulheres, ou que mantinham práticas desiguais e por vezes maltratavam mulheres. As vidas dos *homens que cuidam* confirmam que mudanças em atitudes de gênero e relações de gênero são confusas, não lineares e inconsistentes.

Ao mesmo tempo, as histórias de vida destes homens são inspiradoras em muitos níveis. Escutamos histórias de homens que cuidavam de parceiras incapacitadas mesmo que as suas famílias os aconselhassem a abandonar suas esposas e se casarem novamente. Conversámos com um homem cujo pai o depreciava por ir para a cama do irmão quando tinha pesadelos, e que mais tarde se tornou altamente sensibilizado e tomou medidas em resposta aos maus-tratos homofóbicos na escola do seu filho. Ouvimos a história de um homem que era alcoólatra e compreendeu que o seu ambiente de trabalho potencializou o seu abuso de álcool e que a única maneira que encontrou para parar de beber foi tornando-se um cuidador em tempo integral em casa. E encontramos um homem que vivia em situação de pobreza extrema e que era o cuidador primário de 10 crianças, sendo que só alguns eram seus filhos biológicos. Estes homens não são heróis. Eles são fora do comum e ao mesmo tempo normais – debatendo e lutando, como a maioria dos homens, por redefinir os significados de masculinidades todos os dias e vivendo uma mistura irreconciliável de atitudes e práticas equitativas e não equitativas.

As diferenças *entre* cenários foram frequentemente menos aparentes do que as diferenças entre homens individuais *dentro desses* cenários. Enquanto a Índia apresentou normas mais rígidas de gênero sob vários aspectos, é também o espaço para interessantes subversões de gênero. Os homens na África do Sul e Brasil tinham encarado algumas das mais adversas experiências de infância onde a pobreza e o estresse familiar eram frequentemente os condutores-chave da organização familiar e o que determinava quem fazia o trabalho de cuidado.

Finalmente, estes dados apontam para uma pergunta-chave: o que está sendo feito para promover a participação dos homens no cuidado? Com

exceção do grupo de homens que foi exposto a mensagens de igualdade de gênero via seu trabalho com ONGs, a maioria dos homens não estava consciente de campanhas, iniciativas de políticas públicas nem debates sobre formas de envolvimento dos homens no cuidado. Nenhum dos homens mencionou ter visto campanhas de paternidade. Quando perguntamos sobre as suas opiniões em relação a políticas públicas que promovam o envolvimento dos homens no cuidado, seus comentários apontaram para a ausência ou falta dessas políticas – queriam uma maior licença de paternidade ou uma custódia de crianças mais igualitária, no caso de separação ou divórcio. Enquanto a maioria dos homens estava consciente sobre políticas públicas de promoção da igualdade de gênero, em geral não viam como estas políticas os envolviam ou falavam para eles. Em geral, o trabalho de cuidar não era algo sobre o qual a maioria dos homens conversasse antes das entrevistas e não era algo que eles percebessem que fosse conversado publicamente ou como parte de políticas, campanhas ou outros projetos sociais. Esta conclusão nos faz relembrar o quão limitadas as nossas políticas públicas e esforços de programa são nas tentativas de envolver homens no projeto global de igualdade de gênero e quanto ainda deve ser feito.

É aparente, a partir da maneira como os homens enquadraram e discutiram suas experiências, que eles continuamente reconstróem e negociam suas masculinidades. Alguns homens neste estudo demonstraram iniciativa e escolheram deliberadamente o seu trabalho de cuidar, enquanto outros o tiveram imposto sobre eles. Alguns observaram e desconstruíram estruturas e padrões de gênero em seu redor, enquanto outros exerciam o trabalho de cuidar sem muito impacto sobre suas vidas. Quase todos os homens experimentaram apoio difuso em relação ao seu trabalho profissional de cuidar; e muitos dos homens que eram cuidadores em casa, da mesma maneira, encontraram ambivalência sobre suas contribuições. Em outras palavras, indivíduos, sociedades, organizações e governos têm muito a fazer para cuidarem dos homens que cuidam e promoverem e abraçarem o envolvimento dos homens no cuidado.

C. Recomendações para Ação

- Conduzir mais pesquisas sobre padrões, mudanças no ciclo de vida, fatores catalisadores, e perspectivas de mulheres, homens e beneficiários sobre a participação dos homens no trabalho de cuidado em cenários diferentes, com atenção particular a atitudes no local de trabalho;
- Conduzir pesquisa focada em casais no Sul Global e Norte em que perguntemos a ambos os parceiros sobre suas atividades de cuidar e suas práticas de negociação relacionadas com o cuidado;
- Dirigir mais atenção aos papéis dos homens e às perspectivas dos homens e mulheres na formulação de políticas públicas de igualdade de gênero e de bem-estar social;
- Prestar mais atenção às atitudes dos homens em relação a práticas de

- cuidado em programas e políticas públicas existentes baseadas em violência de gênero, HIV e saúde e direitos sexuais e reprodutivos, entendendo a posição de cuidador como uma parte das identidades dos homens;
- Melhorar iniciativas para mudar normas e regras em locais de trabalho e outros espaços sociais de serviços (hospitais, escolas, creches e similares) relacionadas com os múltiplos papéis de homens e mulheres como provedores e cuidadores;
 - Apoiar mais esforços para implementar políticas globais e de nível nacional promovendo horários flexíveis de trabalho e outros esforços para apoiar o equilíbrio equitativo de trabalho e vida;
 - Prestar maior atenção às necessidades e realidades de homens em situação de pobreza e políticas de apoio à renda, particularmente reexaminando como tais iniciativas podem promover o maior envolvimento dos homens como cuidadores;
 - Direcionar mais atenção à mudança que já está acontecendo na participação dos homens no cuidado, assim como aos benefícios para os homens de formarem relacionamentos mais próximos com outros.

REFERÊNCIAS

- Barker, G., Contreras, J.M., Heilman, B., Singh, A.K., Verma, R.K., & Nascimento, M. (2011). *Evolving Men: Initial results from the International Men and Gender Equality Survey (IMAGES)*. Washington, D.C.: International Center for Research on Women (ICRW) e Rio de Janeiro: Instituto Promundo.
- Barker, G., & outros. (2005). *Engaging boys and men to empower girls: reflections from practice and evidence of impact*. United Nations, Division for the Advancement of Women em colaboração com a UNICEF. Disponível em <http://un.org/womenwatch/daw/egm/elim-disc-viol-girlchild/ExpertPapers/EP.3%20%20%20Barker.pdf>.
- Bianchi, S.M., Melissa A. Milkie, L.C. Sayer, & Robinson, J.P. (2000). Is anyone doing the housework? Trends in the gender division of household labor. *Social Forces*, 79, 191-228.
- Blazquez, N., Palacios, F., Everardo, M. (2010). *Epistemología feminista: temas centrales en Investigación feminista, epistemología, metodología y representaciones sociales*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Budlender, D. (2008). *The Statistical Evidence on Care and Non-Care Work across Six Countries*. Gender and Development Programme Paper, No.4. Genebra: United Nations Research Institute for Social Development.
- Chodorow N. (1978). *The reproduction of mothering: psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press.
- Duyvendak, J.W. & Stavenuiter, M. M. J. (2004). *Working fathers, caring men: Reconciliation of working life and family life*. (Unnamed Eds.). Holanda: The Hague, Ministry of Social Affairs and Employment, Department for the Co-ordination of Emancipation Policy.
- Gilligan C. (1993). *In a different voice, psychological theory and women's development*. Cambridge: Universidade de Harvard.
- Hartsock, N. (1983). *Money, sex and power: toward a feminist historical materialism*. (Ed.). Nova Iorque: Longman.
- Holter, Ø. G., Svare, H. & Egeland, C. (2009). *Gender equality and quality of life – A Nordic perspective*. Nordic Gender Institute and Work Research Institute. Veja: <http://www.nikk.no/?module=Articles;action=Article.publicShow;ID=892>
- Leahy, E. & Engelman, R., Gibb Vogel, C., Hadoque, S., & Preston, T. (2007). *The shape of things to come: Why age structure matters to a safer, more equitable world*. Washington, D.C.: Population Action International, p. 24.
- Lee, Y.S. & Waite, L. J. (2005). Husbands' and wives' time spent on housework: A comparison of measures. *Journal of Marriage and Family*, 67: 328–336.
- Plantin, L. (2007). *Fatherhood and health outcomes. The case of Europe*. Copenhagen: World Health Organization.
- Richter, L., Chikovore, J., Makusha, T., Bhana, A., Mokomane, Z, Swartz, S. & Makiwane, M., 2011. *Men in Families and Family Policy in a Changing World*. 47-84. Nova Iorque: UN Division of Economic and Social Affairs.
- Romero, A. & Abril, P. (2011). *Masculinidades y usos del tiempo: hegemonía, negociación y resistencia*, Prisma Social: Revista de ciencias sociales, 7.
- Organização das Nações Unidas. (2004). *The 48th Commission on the Status of Women (CSW)*. Nova Iorque.
- Banco Mundial. (2007). *Gender Equality as Smart Economics. A World Bank Group Gender Action Plan*.
- Banco Mundial. (2012). *World Bank World Development Report 2012: Gender Equality and Development*.
- Organização Mundial de Saúde. (2007). *Engaging men and boys in changing gender-based inequity in health: Evidence from programme interventions*.

Entrevista número 1:

Pergunta geral de interesse:

Como estes homens se tornaram envolvidos no trabalho de cuidado e como eles descrevem essas atividades.

A pergunta inicial para a entrevista é:

‘Como se envolveu em [as coisas que você faz]’?

A entrevista usará uma pesquisa aprofundada para construir uma narrativa do que ele faz atualmente (por exemplo: cuidar de crianças/enfermagem/ativismo) incluindo:

- há quanto tempo tem desempenhado tal atividade
- como ele se envolveu na atividade
- o que ele acha particularmente interessante/envolvente sobre ela
- como ele se sente sobre isso
- isso gera conflitos em áreas da sua vida (e se assim for, com quem? – com ele próprio, com a sua parceira/esposa, outros homens, outros membros da família, a sua comunidade etc.)
- as suas atitudes em relação a isso
- o que o motiva
- se e de que maneira ele acha o seu trabalho atual estressante/desmotivante
- se ele esteve sujeito à crítica ou a ser ridicularizado no seu local de trabalho por causa do seu trabalho/atitudes
- se a sua noção de quem ele é mudou em consequência das suas atividades

A entrevista então procurará levá-lo de volta a períodos anteriores da sua vida para explorar o tipo de infância e primeiros anos como adulto e se e de que maneira a propensão para cuidar era uma característica da sua história de vida. As perguntas incluirão:

- onde cresceu e com quem ele vivia
- de quem ele era mais próximo enquanto criança e porquê
- quem cuidava dele enquanto criança
- como era organizada a sua casa em termos de trabalho doméstico e tomada de decisão
- quais eram as suas responsabilidades, e se havia alguma circunstância especial em que ele foi levado a desempenhar papéis de cuidador (durante uma crise de família, doença etc.)
- como e se isto mudou quando ele se aproximou da maioridade
- quem eram os homens principais na sua vida enquanto criança/jovem adulto, como eles eram, se eles faziam coisas semelhantes a ele e o que ele pensa deles
- quem eram as mulheres principais na sua vida enquanto criança/jovem adulto, como elas eram e o que ele pensa delas
- As divisões de gênero na sua família de origem (homens faziam o quê, mulheres faziam o quê)?

Em seguida irá explorar como ele se sente sobre o que faz enquanto homem, se ele pensa como isso se relaciona a ideias dominantes de como homens devem ser e se comportar e o que pensa sobre isso.

Entrevista número 2:

Pergunta geral de interesse:

Até que ponto as atividades de cuidar são coerentes ou divergentes com as atitudes do homem em relação à equidade de gênero e em outras áreas da sua vida?

A pergunta inicial para a entrevista é:

‘Você pode me contar sobre sua vida doméstica atual’?

A entrevista usará sondas apropriadas para construir uma descrição narrativa sobre a organização da sua casa e vida, incluindo:

- se ele tem um ou mais relacionamentos,
- se ele é pai e se envolve com os filhos como pai,
- a divisão de trabalho na casa,
- as suas relações com mulheres em casa e na sua família,
- as suas experiências e opiniões sobre o uso de violência para com mulheres e crianças,
- processo de tomada de decisão em casa (inclusive autonomia econômica da sua parceira e, se relevante, herança na família)
- as fontes de tensão e conflito na sua vida doméstica (trabalho, limitações financeiras, sexualidade etc.).

A entrevista explorará então as suas opiniões sobre aspectos de políticas públicas de gênero. Nós perguntaremos se ele conhece as seguintes leis ou áreas de lei, o que ele sabe sobre elas e o que ele pensa delas (estas serão específicas para cada país):

- Leis sobre violência doméstica,
- As leis de apoio a crianças e leis em termos de pensões ou apoio de renda,
- Leis de registro de paternidade e de divórcio,
- Leis relacionadas com violência sexual e assédio sexual,
- Leis relacionadas com maternidade e licença paternidade,
- Leis relacionadas com a presença paternal durante o parto,
- Ação afirmativa para mulheres (cotas, assuntos de salário),
- Leis relacionadas com o aborto e outros assuntos de saúde reprodutiva (incluindo a vasectomia),
- União civil para casais homossexuais e leis ou campanhas relacionadas com a não-discriminação em relação à orientação sexual, campanhas contra homofobia,
- Políticas públicas relacionadas com HIV/AIDS (testes, camisinhas, ARVs),
- Homens em ‘profissões de cuidado’, por exemplo, em creches ou como professores de escolas primárias.

Nota: Quaisquer destas áreas que já foram cobertas na primeira entrevista não serão repetidas. Para alguns homens será difícil entrevistá-los duas vezes, e estas perguntas então serão feitas durante uma única entrevista.



International Center for Research on Women

1120 20th St. NW
Suite 500 North
Washington, DC 20036 USA
Tel.: +1.202.797.0007
Fax: +1.202.797.0020
Email: info@icrw.org
Site: www.icrw.org

Asia Regional Office

C-139 Defence Colony
New Delhi 110024 India
Tel.: +91.11.2465.4216
Fax: +91.11.2463.5142
Email: info.india@icrw.org

Instituto Promundo

Rua México, 31/1502 – Centro
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Cep. 20031-904
Tel./Fax: +55 (21) 2215-5216
Email: promundo@promundo.org.br
Site: www.promundo.org.br

Washington, DC Office

2121 Decatur Place NW
Washington, DC 2008 USA
Tel.: +1.202.588.0061
Fax: +1.202.588.0063
Email: contactdc@promundo.org.br



Centre for
Gender Research



Coordenado por Instituto Promundo e o
International Center for Research on Women